

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Julia Maria Ramiro

POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL NO BRASIL?

**Juiz de Fora
Julho de 2017**

Ramiro, Julia Maria.

Por que as mulheres não narram futebol no Brasil? / Julia Maria Ramiro. -- 2017.

96 p.

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2016.

1. Jornalismo esportivo. 2. Futebol. 3. Mulher no Jornalismo esportivo. 4. Narração de futebol. 5. Mulher e futebol. I. Guerra, Márcio de Oliveira, orient. II. Título.

Julia Maria Ramiro

POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL NO BRASIL?

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora
Julho de 2017

Julia Maria Ramiro

Por que as mulheres não narram futebol no Brasil?

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/ UFJF)

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/UFJF) - orientador

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (FACOM/UFJF) - convidado

Profa. Ms. Gilze Bara (FACOM/UFJF) – convidada

Conceito obtido: (x) aprovada () reprovada.

Observação da banca: _____

_____.

Juiz de Fora, 11 de julho de 2017 .

A Deus e a meus pais.

AGRADECIMENTOS

A Ele, toda honra e toda glória. Agradeço, primeiramente, a Deus, e a Ele ofereço todo o resultado de meu esforço. Sem o Senhor à minha frente, junto à Nossa Senhora, nada eu seria.

Fiz da Faculdade a oportunidade da minha vida. Esta conquista é minha, de meus pais e minha irmã, que me deram todo o suporte para me tornar a profissional que sonhei em ser. A vocês, e a todos que me deram forças, mesmo que distantes, agradeço imensamente. Muito obrigada, também, aos que estiveram comigo na Faculdade e que vou levar para a vida.

Também divido esta conquista com todos que me deram oportunidade de crescer, acadêmica e profissionalmente.

Agradeço, por último, ao sempre mestre e amigo, Márcio Guerra, que confiou a mim o desafio de concluir este trabalho. Muito obrigada, também, aos professores Gilze Bara e Ricardo Bedendo pelas considerações tão pertinentes e às profissionais que contribuíram para a realização desta pesquisa. Sem suas colaborações e incentivo, eu não teria chegado até aqui.

A presença da mulher no mundo do esporte
representa,
ao mesmo tempo, uma ameaça e uma
complementaridade.
Ameaça porque atrai o atendimento de homens e
mulheres dentro de um universo construído e
dominado
por valores masculinos e porque põe em risco
algumas
características tidas como constitutivas de sua
feminilidade. Complementaridade porque
parecesse
atuar com atitudes e hábitos sociais cujo
exercício
simboliza um modo moderno e civilizado de ser.
(GOELLNER, S. 2004)

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de descobrir “por que as mulheres não narram futebol no Brasil”, buscando entender suas relações e da imprensa com a modalidade e com a editoria esportiva. Desde que chegou ao Brasil, no século XVIII, o futebol foi masculinizado e a ideia de que era coisa de homem enraizou-se, dificultando que as mulheres participassem das disputas, fosse como atletas, torcedoras, dirigentes, ou mesmo jornalistas. As conquistas femininas por espaços na modalidade acontecem, ao longo da história, passo a passo, de maneira bem lenta e passam pela quebra de barreiras, de preconceito, do machismo e do estereótipo de que “mulher não entende de futebol”. Hoje, na imprensa, ainda que existam estas ideologias, elas conseguem ocupar todas as funções: da reportagem à chefia de edição. Por que não a narração?

Palavras-chave: Jornalismo esportivo. Imprensa esportiva. Futebol. Narração. Mulher no jornalismo esportivo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O reitor Lander e a imagem publicada no jornal O Pharol, que registra a disputa do <i>football</i>	18
Figura 2 – Regiani Ritter entrevista os jogadores palmeirenses Antônio Carlos e Velloso dentro do vestiário.	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 JORNALISMO ESPORTIVO	17
3 MULHER E ESPORTE.....	27
3.1 NO FUTEBOL	29
3.2 MACHISMO E ASSÉDIO EM TODA PARTE	34
3.3 O ESPAÇO DAS TORCEDORAS NO SÉCULO XXI.....	36
4 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	41
4.1 PIONEIRAS NO FUTEBOL	43
4.2 O INÍCIO DA NOVA GERAÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO COM AS MULHERES.....	47
4.3 ELAS COMANDAM.....	50
4.4 A NARRAÇÃO FEMININA NA RÁDIO ESTAÇÃO WEB.....	51
4.5 A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NAS EDITORIAS ESPORTIVAS	52
5 ANÁLISE DE PESQUISA.....	55
5.1 INTERESSE PELO JORNALISMO ESPORTIVO.....	55
5.2 INTERESSE PELA NARRAÇÃO.....	57
5.3 EXPERIÊNCIAS E TESTES NA NARRAÇÃO.....	59
5.4 POR QUE AS MULHERES AINDA NÃO NARRAM?.....	59
5.5 QUAIS FATORES CONTRIBUEM PARA A AUSÊNCIA DAS MULHERES NA NARRAÇÃO?.....	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	73
APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM REGIANI RITTER	73

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA COM ROGÉRIO BARBOSA – DIRETOR DA RÁDIO ESTAÇÃO WEB.....	74
APÊNDICE 3 - ENTREVISTA COM CLAIRENE GIACOBÉ, NARRADORA DA RÁDIO ESTAÇÃO WEB.....	75
APÊNDICE 4 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM MARINNA PROTASIEWYTCH, DA RÁDIO FORÇA JOVEM, EM CURITIBA	76
APÊNDICE 5 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM PAMELA SCHTSCHERBAK, REPÓRTER DA TV TRANSAMÉRICA, EM CURITIBA	77
APÊNDICE 6 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM MAYRA SIQUEIRA, REPÓRTER DA RÁDIO GLOBO/CBN	78
APÊNDICE 7 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM ALINE BORDALO, REPÓRTER DA REDE GLOBO	79
APÊNDICE 8 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM ALINE FALCONE, EDITORA DO SITE GLOBOESPORTE.COM....	80
APÊNDICE 9 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM ALAN SILVA, COLABODOR DO SITE CENAS LAMENTÁVEIS... 81	81
APÊNDICE 10 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM MARINA PROTON, ASSESSORA DO TUPI.....	82
APÊNDICE 11 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM LUIZA SÁ, REPÓRTER DO JORNAL LANCE	83
APÊNDICE 12 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM THAYNARA LIMA, REPÓRTER DO JORNAL LANCE.....	84
APÊNDICE 13 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM GABRIELA TELLES, REPÓRTER DO JORNAL LANCE.....	85
APÊNDICE 14 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM LUIZA PORTELA, EX REPÓRTER DA RÁDIO TUPI.....	86
APÊNDICE 15 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM REGIANI RITTER, ATUALMENTE, APRESENTADORA NA RÁDIO GAZETA	87

APÊNDICE 16 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOLO”, COM RENATA GRACIANO, DO SITE DONAS DA BOLA	88
APÊNDICE 17 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOLO”, COM CAÍSA COUTO CARVALHO, DO CANAL ESPORTE INTERATIVO	89
APÊNDICE 18 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOLO”, COM ROBERTA OLIVEIRA, ATUALMENTE, REPÓRTER DO G1 ZONA DA MATA.....	90
APÊNDICE 19 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOLO”, COM CÁSSIA MOURA, ESTUDANTE DE JORNALISMO E EX-ESTAGIÁRIA DA RÁDIO BRADESCO ESPORTES	93
APÊNDICE 20 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOLO”, COM CLAIRENE GIACOBÉ, RADIALISTA E NARRADORA NA RÁDIO ESTAÇÃO WEB, EM PORTO ALEGRE	94
APÊNDICE 21 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOLO”, COM JANAÍNA WILLE, ESTUDANTE DE JORNALISMO E COLABORADORA DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA UFSM, NO RIO GRANDE DO SUL	95

1 INTRODUÇÃO

“Por que as mulheres não narram futebol no Brasil”? Aliás, o exercício da função é incomum a mulheres de todo o mundo. Em tantos anos que o esporte é tratado como paixão nacional, no entanto, aparentemente nunca questionou-se a ausência delas à frente das transmissões. Genuína e predominantemente masculinizada, a narração cabe tão bem à voz do homem que, a princípio, não há necessidade de tentar inserir a mulher neste universo. Tanto que poucas pessoas têm uma resposta na ponta da língua para esta pergunta. A reflexão se faz mais que necessária à medida que a mulher empoderou-se e chegou a patamares sociais impensados há algumas décadas atrás, como, por exemplo, à presidência, mas não ocupa o que pode ser tratado como o cargo mais alto e importante em uma transmissão de futebol. Mas, por quê?

Na comunicação, homens e mulheres são formados nas mesmas escolas, aprendem o mesmo conteúdo, são igualmente qualificados. Quando surge o interesse além da graduação, a especialização e os cursos específicos da área esportiva são abertos a todos os gêneros. Logo, as oportunidades de capacitação são as mesmas.

Pensando profissionalmente, não há o que impeça a mulher de narrar uma partida de futebol. Mas muitas outras razões podem surgir, se o tema for buscado a fundo.

Buscando encontrar motivos pelos quais as mulheres não narram futebol no Brasil, este trabalho se propôs a estudar o histórico da comunicação e do esporte no país, se aprofundando, inclusive, em como as mulheres se instalaram e como elas se fazem presentes hoje nas equipes esportivas.

No Brasil, o jornalismo esportivo, assim como o esporte e, principalmente o futebol, fincaram suas raízes em ideologias masculinizadas e conservadoras, comuns para o século XIX, época em que a modalidade chegou aqui, mas que, para a atualidade, soam (e de fato, são) bastante ultrapassadas. Apesar disso, elas ainda permeiam a sociedade. Em um primeiro momento, genericamente, o machismo dificultou que as mulheres ganhassem espaço no esporte, em geral, não apenas na imprensa. A elas foi vedada, inclusive, a prática de alguns esportes que, conforme os pensamentos de séculos passados, poderiam “deformá-las”, fazendo com que seu corpo tivesse características masculinas. O que era inadmissível.

Para que o jornalismo esportivo chegasse à forma como é conhecido hoje, muito aconteceu. Nascendo, crescendo e amadurecendo de mãos dadas com o futebol, a editoria nem sempre foi valorizada e tratada de forma séria. A princípio, as crônicas esportivas surgiram para, meramente, atender aos caprichos da elite que fazia do *football* um evento

social. Depois, o futebol era notícia porque foi caindo no gosto do povo. Despertando curiosidade, o esporte vendia muitos jornais e dava muita audiência nas rádios. Era uma área exclusivamente masculina, até porque, era um ambiente completamente inadequado às mulheres. Mulher não jogava futebol. As que jogavam, eram marginalizadas pela sociedade. Futebol, desde sempre, foi coisa de homem.

Por necessidade, vontade e insistência, ao longo das décadas elas foram ocupando as funções de reportagem, comentários, apresentação, inclusive chefiando equipes ou exercendo funções consideradas importantes, muitos tabus precisaram ser vencidos. Todos eles passaram pela quebra da ideia de que mulher não entende de futebol.

Ainda convivendo com o preconceito, mas cada vez mais tendo reconhecida sua competência, a mulher ainda não conseguiu se firmar como narradora de futebol. Algumas vezes já se experimentou deixá-las no comando das transmissões. No entanto, nenhuma das iniciativas foi à frente. Não há registros dos motivos que levaram as emissoras de rádio e TV a desistirem. Por que, entre todas as outras funções, esta é a única não assumida por elas? E o que falta para que isso aconteça?

Com a proposta de responder a estes questionamentos, no primeiro capítulo deste trabalho, é traçado um panorama histórico do jornalismo esportivo no Brasil. Como ele surgiu e como foi sua evolução? Em que é baseado e como ele chegou às características atuais?

Neste primeiro momento, mostra-se como aconteceu a profissionalização da editoria, como se estabeleceu o que é de relevância para a imprensa esportiva e, junto a isso, como o futebol é tratado dentro das redações. Também é possível entender, no capítulo um, intitulado “Jornalismo Esportivo”, o papel fundamental da imprensa na construção da identidade do futebol brasileiro e da ideia do esporte como paixão nacional.

Neste sentido, também mostra-se como o jornalismo se especializou e se padronizou para noticiar e transmitir os jogos e campeonatos, tratando o futebol como prioridade dentro das redações e fazendo com que este também se profissionalizasse.

É neste capítulo, também, que entende-se como foi construída a narração brasileira, como é desempenhada hoje. Detalhe fundamental no entendimento do porquê as mulheres não narram futebol no Brasil.

Já no segundo capítulo, “A mulher e o esporte”, os estudos caminham para o entendimento da relação feminina com a prática esportiva e sua identificação como atleta, torcedora e agente do esporte.

Elucidando a participação da mulher em todos os âmbitos esportivos, desde as Olimpíadas disputadas na Grécia Antiga até o cenário mais atual, é nesta parte do trabalho

que fica claro como a ideia de que “esporte não é coisa para mulher” foi enraizada na sociedade e, ao longo da história, vem sendo desconstruída por personagens que se desafiam a enfrentar o conservadorismo e o preconceito, tornando-se pioneiras e referências nas conquistas femininas no esporte.

O pioneirismo feminino também é destacado no terceiro capítulo: “A mulher no jornalismo esportivo”. A exemplo do anterior, neste ponto se expõe como foi construída a experiência da mulher dentro da imprensa esportiva no Brasil, destacando personalidades que, por aventurarem-se em ambientes predominantemente masculinos, acabaram quebrando tabus e abrindo caminhos para que outras profissionais também pudessem exercer suas funções dentro das editorias esportivas.

Destacando personalidades como Regiani Ritter, primeira repórter de campo do país, Sonia Nassar, a primeira a frequentar os vestiários – à época em que não se fazia ideia do que era uma coletiva de imprensa ou uma assessoria nos clubes de futebol, obrigando que os repórteres buscassem as informações como pudessem, inclusive nos vestiários -, Isabela Scalabrini, a primeira apresentadora de um programa esportivo e tantas outras mulheres que foram pioneiras em suas funções, este capítulo descreve a trajetória das profissionais até que chegassem nos dias atuais, onde ocupam quase todas as cadeiras dentro das editorias esportivas.

Também no terceiro capítulo, conhece-se a Rádio Estação Web, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A emissora, que realiza suas transmissões exclusivamente pela internet, mantém uma equipe esportiva feminina e conta com uma narradora, que comanda jogos femininos e masculinos, dos campeonatos estadual e Brasileiro de futebol. A experiência começou no fim de 2016.

No quarto e último capítulo dedicado à pesquisa, analisa-se as entrevistas realizadas com 18 profissionais que atuam ou já atuaram no jornalismo esportivo, na TV, no rádio, na web ou no impresso. Estas entrevistas, disponíveis em apêndice, foram o método utilizado nesta pesquisa para que fosse possível enumerar alguns dos motivos que justificam a ausência das mulheres na narração.

Com base em suas experiências na profissão e em fatos que presenciaram, as entrevistadas contribuíram respondendo a perguntas sobre seu interesse pelo jornalismo esportivo, também sendo questionadas sobre possíveis experiências com a narração do futebol ou de outra modalidade esportiva. Por último, elas opinam sobre fatores que contribuem para que as mulheres permaneçam distantes do comando dos microfones nas transmissões esportivas.

A partir de todo esse panorama, este trabalho pretende esclarecer alguns dos motivos que justificam o fato de não se ter, atualmente, nenhuma narradora profissional nas grandes emissoras de rádio e TV do Brasil, apesar de já terem acontecido experiências há anos atrás. Junto à resposta para a pergunta que elucida esta pesquisa, também espera-se que o questionamento seja mais frequente, pertinente e, a partir das conclusões que se encaminharem, seja possível levar os comunicadores à reflexão, a fim de que tracem caminhos para mudar esta realidade.

2 JORNALISMO ESPORTIVO

O futebol no Brasil nasceu e cresceu muito próximo do jornalismo esportivo. Desde os tempos de Charles Müller, o esporte mais popular do país contou com a ajuda das crônicas de folhetins para conquistar público. Quando chegou ao país, no final do século XIX, o *foot ball* inglês estava bem longe de ser paixão nacional. Como descreve André Ribeiro (2007), na obra *Os Donos do Espetáculo – histórias da imprensa esportiva no Brasil*, Müller teve que suar a camisa para que seu futebol tivesse um espaço junto aos esportes mais queridos do país à época. Nos principais jornais o que chamava atenção da elite era o críquete, o turfe, o remo e o ciclismo.

A intenção de Müller quando voltou da Inglaterra para São Paulo, segundo Ribeiro (2007), era jogar futebol. Mas, percebendo que o esporte era pouco praticado, conhecido e menos ainda divulgado por aqui, começou a organizar treinos entre os colegas de trabalho. De acordo com Ribeiro (2007), foi em uma destas experiências que se deu o primeiro contato do *foot ball* com a mídia nacional.

Celso de Araújo, importante cronista, que escrevia para um dos jornais da cidade, estava lá apenas como curioso, e sua surpresa com o que viu foi tão grande que decidiu escrever a um amigo do Rio de Janeiro, Alcino Guanabara, outro influente jornalista: “Lá pelos lados da Luz, do Bom Retiro, um grupo de britânicos, maníacos como eles só, punham-se, de vez em quando, mais propriamente aos sábados, dia de descanso laboral, a dar pontapés numa coisa parecida com bexiga de boi, dando-lhe grande satisfação e pesar, quando essa espécie de bexiga amarelada entrava num retângulo formado por paus”. (RIBEIRO, 2007, p. 19-20)

Mas, antes mesmo de Müller chegar ao país com a novidade, em 1895, dois anos antes (em 1893) foi realizada uma disputa entre os times “Gregos” e “Troianos”, formados por alunos do Colégio Metodista Granbery, em Juiz de Fora. Segundo os documentos da própria instituição, o esporte foi ensinado aos alunos pelo norte-americano John McPhearson Lander, então reitor da unidade. A partida foi noticiada no jornal local *O Pharol*. O fato é lembrado em publicação de Vanderlei Tomaz para o jornal *Diário Regional*, na edição de 2 de abril de 2017.

Anos atrás, fomos surpreendidos com a notícia veiculada na imprensa mineira sobre a descoberta pelo amigo pesquisador Ernesto Giudice Filho, responsável pelo Arquivo Histórico do Instituto Granbery, de que no dia 24 de junho de 1893 aconteceu no antigo campo de esportes do colégio, à Rua Batista de Oliveira, uma partida de “foot-ball” entre as equipes “gregos” e “troianos”, formadas por alunos. O fato foi noticiado pelo jornal local O Pharol e está documentado no diário do Professor John McPhearson Lander, norte-americano, então reitor da instituição que viu esta prática na Inglaterra e foi responsável por trazer a bola e as regras do jogo para nossa cidade. (Trecho da publicação “Foi em Juiz de Fora a primeira partida de futebol no Brasil”, publicada no jornal Diário Regional, em 2 de abril de 2017)

O fato foi registrado à época, inclusive, em imagens.

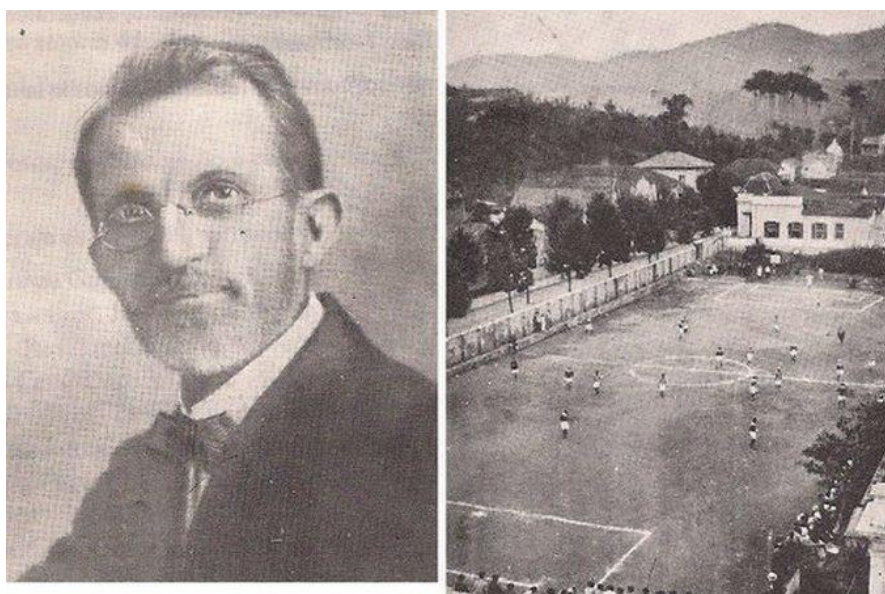


Figura 1 – O reitor Lander e a imagem publicada no jornal O Pharol, que registra a disputa do *football*. (Disponível em <<http://diarioregionaljf.com.br/columnas/vanderlei-tomaz/14951-foi-em-juiz-de-fora-a-primeira-partida-de-futebol-no-brasil>>. Acesso em 10 de abril de 2017)

Apesar do pioneirismo de Lander, Müller, de fato, foi o grande responsável pela propagação do esporte no Brasil. Foram sua paixão e insistência que fizeram com que a mídia noticiasse o futebol, ainda que sem destaque. Ribeiro (2007) conta que depois de seis anos da chegada do jovem a São Paulo, quando já havia oficializado o esporte e conseguido algumas equipes organizadas na cidade, Müller conheceu Mário Cardim. Com apenas 18 anos, cursando direito, Cardim era repórter do Jornal O Estado de S. Paulo e também apaixonado por futebol. Junto a Müller, foi o grande responsável pela ampliação do esporte no país, propondo a criação das primeiras associações reguladoras.

O futebol estava se tornando mais conhecido nas capitais Rio e São Paulo e junto a ele, cresciam as emissoras de rádio. Márcio Guerra (2012), em Rádio x TV – o jogo da narração relata que já nesta época o veículo e o esporte começavam a cruzar caminhos.

Cinco anos após a criação destes primeiros clubes, uma nota no jornal O Povo, da cidade de Caçapava, interior de São Paulo, dirigido por Monteiro Lobato, informava que existiam 250 clubes esportivos no país. O futebol já estava se transformando em uma grande mania; tal qual o rádio, que também multiplicava as emissoras por todo o território nacional e ensaiava já uma relação com o futebol. (GUERRA, 2012, p. 24)

As notícias, no entanto, demoraram a surgir por conta do difícil contexto econômico do início do século XX. Os jornais davam destaque maior para outros temas. Ribeiro (2007) ressalta que as primeiras notícias sobre o esporte, informavam sobre a participação dos importantes personagens políticos da época no que ficou conhecido como a primeira Liga do Futebol Paulista.

O futebol logo chegou ao Rio de Janeiro. Diferente dos times de São Paulo, a popularização do esporte em terras cariocas aconteceu pelos campos de várzea, nas brincadeiras entre os trabalhadores, moradores de periferia. Márcio Guerra (2012) destaca que, na época, as informações sobre os jogos de futebol também não atraíam o público no Rio.

Os primeiros passos do futebol no Rio de Janeiro foram relatados apenas pelo Correio da Manhã, que foi o único a noticiar o jogo do dia 22 de setembro de 1901, quando “um grupo de jovens cariocas promoveu uma disputa futebolística contra os sócios do clube Rio Cricket”. O cronista do jornal, na época, conta que a divulgação do primeiro jogo de futebol não atraiu muito o público. “O número de jogadores teria sido maior que o do público presente, formado por poucos amigos e parentes dos jogadores e por 11 tenistas que estavam no clube por acaso”. (GUERRA, 2012, p. 24)

Assim, dá para perceber que, já no princípio, a relação entre a mídia brasileira e o futebol não foi prezada no interesse pelo esporte, mas nas influências político econômicas da elite. Os jornais miraram no que viram, e acertaram no que não viram. A veiculação de pequenas notas sobre o futebol foi, aos poucos, despertando o interesse geral, como explicitam os dois autores já citados. Os treinos e jogos que, em grande parte, aconteciam entre colegas de trabalho, foram ganhando volume e começaram a surgir os torcedores: a elite, que antes assistia a outras modalidades, agora passava o tempo se divertindo com o futebol, inclusive as senhoras e senhoritas que, com sua presença, traziam requinte à atividade predominantemente masculina.

Já em 1919, o Brasil formava sua primeira seleção de futebol, com jogadores cariocas e paulistas para disputar sua primeira competição internacional – o Campeonato Sul Americano. Em Guerra (2012), a disputa foi exposta como também responsável pela ampliação do interesse pelo futebol. Citando Miranda (2006), o autor explica: “Os treinos realizados nas semanas que antecederam o campeonato, com valor de ingresso mais acessível,

atraíram ao estádio uma enorme e diversificada torcida, que chegou em algumas ocasiões a 15 mil pessoas.” (MIRANDA, 2006, in GUERRA, 2012, p. 25).

O autor conta que a seleção conquistou o título do campeonato e isto aqueceu o sentimento pelo futebol.

A conquista deu ao futebol o sentimento nacional, constituindo-o em grande elemento de identidade nacional. Nessa mesma data, a participação de torcedores de todas as classes sociais, dispostas nas mais diversas áreas de observação do campo, mostrava que o futebol já estava se tornando uma mania nacional. (GUERRA, 2012, p. 25)

Novamente citando Miranda (2006), ele fala sobre a diferenciação de classes na torcida. Na época, o futebol era uma modalidade elitizada, não sendo permitido a “qualquer pessoa” que se assistisse às partidas.

Nas tribunas de honra do estádio, o presidente da República, Delfim Moreira, e outras autoridades acompanhavam pessoalmente a disputa. Rapazes e senhoritas com roupas elegantes chegavam cedo às arquibancadas. Na beira do gramado, milhares de espectadores de menor renda buscavam um lugar nas gerais onde pudessem ter melhor visão do jogo. Era no morro vizinho ao lugar, no entanto, que estava a maior surpresa: sem dinheiro para o ingresso, uma pequena multidão de aproximadamente cinco mil homens e mulheres de origens diversas se espremia para poder assistir de longe à grande final. Evidenciava-se, assim, pela primeira vez, o poder aglutinador do futebol em torno da nacionalidade. De tal sentimento compartilhado resultava a possibilidade de que se juntassem em uma mesma torcida “o burguês e o artista, o pobre e o rico, o zé-povinho e os de mais destaque na nossa sociedade, como reconhecia o redator esportivo de um grande jornal da cidade”. (MIRANDA, 2006, p. 28, apud GUERRA, 2012, p. 25)

Foi justamente a dificuldade das classes menos favorecidas em acompanhar os jogos que rendeu às grandes mídias da época a audiência e o lucro. Segundo Ribeiro (2007), impedidos de assistir às partidas, restava aos trabalhadores, consumir as notícias que saiam no jornal e acompanhar os comentários nos programas esportivos das rádios.

O futebol rendeu uma indústria de notícias no país. A demanda fazia profissionais de todas as áreas crescerem os olhos para o jornalismo e as disputas ultrapassaram os gramados e foram também para dentro das redações e dos estúdios.

Jornais e jornalistas brigavam pela melhor matéria, pela melhor foto, pelos melhores profissionais e as grandes empresas patrocinavam as informações de destaque do futebol. O esporte estava se profissionalizando, mas, ainda assim, o jornalismo esportivo, principalmente por causa do futebol, passava suas dificuldades. Paulo Vinícius Coelho, em *Jornalismo Esportivo* (2008), ressalta que o interesse das classes mais baixas ao mesmo tempo que dava audiência para o esporte, limitava a circulação. Afinal, nem todo mundo tinha dinheiro para comprar os periódicos.

Revistas e jornais de esporte foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* viveu bons anos entre o final da década de 1950 e o início dos 60. Viu nascer Pelé, o Brasil ganhar títulos mundiais, viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades. (COELHO, 2008, p. 9)

Os problemas da imprensa neste sentido alavancaram as iniciativas nas rádios, que eram veículos mais acessíveis.

Foi neste cenário de grandes demandas pelas notícias do futebol que, em 15 de outubro de 1922, Cásper Líbero, dono do jornal *A Gazeta*, em São Paulo, teve a ideia de transmitir, por ondas sonoras, pela primeira vez, uma partida de futebol. O “narrador” era Leopoldo Santana. Convidado por Líbero, Leopoldo fez sua voz irradiar o jogo entre Brasil e Argentina, válido pelo Sul-Americano, disputado no estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Ribeiro (2007) conta o fato.

Na verdade, não era uma transmissão na íntegra, mas uma série de boletins recebidos por telefone e retransmitidos por alto-falantes. Eles informavam o andamento da partida aos frequentadores da Confeitaria Mimi, localizada no Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo. O novo veículo era, ainda, apenas uma promissora novidade, tanto que saiu do ar um mês depois da primeira transmissão e só retornaria no ano seguinte. Enquanto isso, nas páginas esportivas dos principais jornais não se escrevia sobre outro assunto que não fosse do Sul-Americano de 1922. (RIBEIRO, André, 2007, p.59-60)

Guerra (2012) coloca que, naquela época, segundo informações que o autor retira da obra *História da Comunicação: rádio e TV no Brasil*, dirigentes e jornalistas se preocupavam com o fato da transmissão acabar afastando o torcedor do estádio: “Os dirigentes chegaram a proibir as irradiações dos jogos”. (GUERRA, 2012, p. 26)

A transmissão, mais próxima do que conhecemos hoje, aconteceu mesmo pela primeira vez em 1931, em uma partida entre São Paulo e Paraná, pelo campeonato brasileiro. A esta altura, o rádio já era considerado uma casa de talentos para o jornalismo esportivo, principalmente no que se referia aos comentários sobre o futebol. A primeira transmissão aparece como o reconhecimento da importância do futebol para o rádio.

Foi na oitava edição do Campeonato Brasileiro de Futebol, na partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, que aconteceu a primeira transmissão de um jogo de futebol da forma como se conhece hoje. Era o ano de 1931 e Nicolau Tuma, locutor da Rádio Educadora Paulista, recebeu a missão de transmitir o espetáculo que tanto interesse estava despertando nas pessoas. Era o rádio reconhecendo a importância do futebol e vendo ali uma possibilidade de ampliar seu campo de ação. [...] Até então, o rádio tinha uma relação com o futebol de apenas divulgação dos resultados e anunciava as partidas que seriam realizadas. O jogo entre paulistas e paranaenses, em 19 de julho de 1931, entrou para a história pela importância que a narração dos jogos de futebol assumiu para o torcedor. (GUERRA, 2012, p. 26)

Os registros desta primeira transmissão mostram que Tuma foi o responsável pelo estilo de narração brasileiro, e também pela evolução da forma de lidar com as reportagens. Um depoimento do narrador ao programa Globo Repórter, da TV Globo, em 1981, revela como Tuma se tornou o pai da narração no país.

O jogo estava marcado para as três da tarde, mas as duas seleções só entraram em campo vinte minutos depois. Primeiro, os paulistas, altivos, com o goleiro Athiê, que por anos seguidos foi presidente do Santos mágico de Pelé e outros craques, à frente de outras estrelas como o ponta direita Luizinho (juiz de direito por profissão) e o incrível Freidenreich. Freidenreich morreu pobre, louco, com fama de ter marcado mais gols que Pelé. Depois o Paraná, com seu ídolo e artilheiro Gabardino, também aplaudido porque, antes de fanática, torcida, naqueles tempos, era muito bem educada. Depois começou o sufoco. Para o time de São Paulo, que não conseguia acompanhar a velocidade do Paraná no começo do jogo. E para mim que estava narrando no meio da torcida. (Depoimento de Nicolau Tuma no programa Globo Repórter, da TV Globo, em 1981)

Ribeiro (2007) explica as dificuldades de Tuma em sua primeira narração. Eram muitas, entre elas, arranjar uma forma de identificar os jogadores de ambos os times e narrar o gol. “Quando Gabardino, jogador da seleção do Paraná, abriu a contagem, Tuma disparou um grito curto e seco: ‘GOL!’”. O autor também relata que o narrador diz que não podia ficar em silêncio, ou o torcedor mudaria de estação, então, precisou improvisar: falou do clima, das arquibancadas e dos torcedores.

A partir deste momento, como registra Guerra (2012), nascia, no Brasil, uma escola de narração e de jornalismo esportivo. Em sua obra, é destacado que a narração feita por Tuma abriria portas para a especialização do profissional que conta futebol.

Em sua primeira transmissão, Tuma era rápido, quase automático. Segundo Ribeiro (2007), o narrador chegava a falar de duzentas a trezentas palavras por minuto. E fez sucesso, o que logo despertou o interesse de outras rádios a também transmitirem as partidas. Assim se abria uma disputa pelos melhores narradores.

Tanto Ribeiro (2007), quanto Guerra (2012), evidenciam que, com o surgimento de outros nomes na narração, logo os radialistas perceberam que, para ganhar audiência, precisariam inovar. Começaram a formar equipes de transmissão e procurar talentos que se destacariam com formas diferentes de narrar e reportar.

Neste momento, surgem os setoristas de time e, posteriormente, os de jogadores. Era a maneira dos veículos estarem mais próximos das equipes e terem informações diferenciadas, privilégios e conseguirem seus furos. A profissionalização do futebol, segundo Ribeiro (2007) foi o que levou a também o jornalismo esportivo a se profissionalizar. Ele e Guerra (2012) denominaram este desenvolvimento da prática de escola do jornalismo. “Uma

nova escola de jornalismo esportivo estava nascendo. As transmissões das partidas de futebol criaram novas funções para os profissionais que participavam da cobertura. Repórteres de campo passaram a ter o trabalho valorizado”. (RIBEIRO, 2007, p. 115)

A partir das dificuldades, foram surgindo demandas técnicas. O conceito “escola de narradores”, sugerido por Guerra (2012), fala da padronização da narração e de um estilo brasileiro, a partir de um jeito de narrar que cria novas expressões a cada instante para facilitar o entendimento do jogo pelo público. Para o autor, estas formas de narração acabaram formando ídolos da imprensa, que se tornam referências e, por isto, formam a escola de narradores.

Ribeiro (2007) destaca que não só os narradores, mas todo o jornalismo esportivo acabou precisando se fazer ser entendido mais facilmente. Oficialmente, palavras que se tornaram expressões do futebol passaram a formar um dicionário peculiar. De certa forma, o reconhecimento de termos usados para descrever o futebol faz com que, sempre que se pronuncia palavras como *craque*, *drible* ou *gol*, por exemplo, qualquer leigo entenda de que se trata a conversa.

Se no rádio o futebol era um sucesso, nos anos 1950, com o advento da TV, ele se consolidou. De acordo com Ribeiro (2007), como já era paixão nacional, foi fácil o esporte ter espaço dentro do novo meio de comunicação.

Desde o primeiro dia em que a televisão entrou no ar, o esporte teve espaço privilegiado. Aurélio Campos apresentou o programa *Video Esportivo* diante de uma miniatura de campo de futebol, ao lado do craque corintiano, Baltazar. O noticiário do dia-a-dia passou a ser feito pelos cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas. As imagens captadas pelos três eram exibidas dentro do programa *Imagens do Dia*. (RIBEIRO, 2007, p.135)

Conforme os registros de Guerra (2012), a primeira transmissão de uma partida de futebol pela televisão não demorou a acontecer. A TV Tupi estreou em 18 de setembro de 1950 e, em 15 de outubro, um mês depois, aconteceu a transmissão do jogo entre Palmeiras e São Paulo. Aurélio Campos e Wilson Brasil foram os narradores. Horas depois do jogo, cerca de duzentas pessoas puderam acompanhá-lo em suas TVs.

O autor destaca que o novo veículo não era tão popular e acessível quanto o rádio e, por isso, demorou a consolidar-se como fonte dos torcedores. Mas a TV desempenhou um papel importante no desenvolvimento do jornalismo esportivo brasileiro.

À medida que falar de futebol tornava-se lucrativo e, portanto, um campo que enchia os olhos de candidatos a jornalistas, houve a necessidade de se ensinar uma forma de passar as informações, para garantir a qualidade do jornalismo. Como defendem Heródoto

Barbeiro e Patrícia Rangel em *Manual do Jornalismo Esportivo* (2006), “Jornalismo é jornalismo: seja ele esportivo, político, econômico, social”. Portanto, a notícia do futebol não pode se restringir a informações e comentários de gente que gosta do esporte e tem contatos. Os autores desconstruem esta teoria.

Muitos jornalistas esportivos que escolhem esta área imaginam que gostar de esportes, ter boa memória e contatos é o suficiente para fazer de si um bom profissional. Não resta dúvida que estas três características são importantes. Mas, escrever bem é primordial e ter o hábito da leitura de qualidade que acaba por enriquecer o vocabulário e conseqüentemente a construção de textos é essencial. (BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia, 2006, p.63)

Celso Unzelte, em *Jornalismo Esportivo, Relatos de uma Paixão* (2009), reforça que a paixão pelo futebol seja insuficiente para conseguir ser um jornalista esportivo. Para o autor, a identificação e a paixão ajudam mas, o essencial para tornar-se um bom profissional é gostar da função.

Fundamental mesmo é gostar da atividade jornalística em si, gostar de buscar a informação, de escrever, ou de ambas as coisas. Sem isso ninguém sobrevive no jornalismo, não só no esportivo. Se você conseguir aliar esse gosto ao seu assunto preferido, tanto melhor. Caso contrário, não será o fim do mundo. Bons jornalistas podem se transformar em bons jornalistas esportivos, porém maus jornalistas serão sempre maus jornalistas, no esporte ou em qualquer editoria. (UNZELTE, 2009, p.7)

Foi a valorização do jornalismo esportivo que exigiu este tipo de comportamento, a profissionalização e a seriedade. Não mais os amantes do futebol eram os grandes entendedores. O esporte começou a ser ensinado. Manuais como a obra de Barbeiro e Rangel (2006) precisaram ser criados para direcionar os profissionais do esporte. Estas orientações começaram nas redações, onde o jornalista de esportes era, aos poucos, ensinado sobre sua forma de escrever e de tratar as fontes.

Coelho (2011) também aponta por onde veio mais seriedade na notícia esportiva. “A imprecisão diminuiu bastante nas páginas dos jornais dos anos 1970 em diante, graças ao compromisso da imprensa de contar a verdade.” (COELHO, 2011, p.19). Mas o autor conclui que visões extremamente técnicas podem causar efeitos colaterais: o jornalismo esportivo sem paixão torna-se menos atrativo. “O resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já mereceram lugar na história” (COELHO, 2011, p.19).

A preocupação com técnica e profissionalismo, no entanto, não expressa só a garantia da qualidade, mas a credibilidade da informação. Isto é colocado em Barbeiro e Rangel (2009) e também em Coelho (2011), que defende o jornalismo esportivo como

exposição de uma realidade. Ele retrata como a veracidade da informação é posta em cheque por ser comum o jornalismo esportivo estar atrelado à paixão do profissional pela área e, neste caminho, fala sobre como coberturas e transmissões, dotadas da emoção que é característica do futebol, assumem um papel importante para reafirmar a credibilidade da informação.

A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. Este tipo de cobertura sempre misturou emoção e realidade em proporções muito equivalentes. (COELHO, 2011, p. 22)

Impossível negar que o jornalismo esportivo e o jornalismo especializado em futebol, no Brasil, acabam sendo duas editorias com importância e relevância bem distintas. Esta é uma das críticas construídas por Coelho (2008) que mostra como o futebol esteve presente no crescimento da mídia esportiva e como esta depende do futebol mais que de outras modalidades. O autor destaca que até mesmo a divisão de função entre os repórteres é diferenciada. Segundo ele, o jornalista do basquete, por exemplo, pode produzir matérias sobre qualquer outra modalidade: vôlei, atletismo, boxe, etc. Mas o jornalista de futebol, segundo Coelho (2008) afirma, insiste em se superespecializar, assim como outras poucas modalidades que são pouco exploradas na mídia brasileira.

O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. O que vale dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô etc. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nestas áreas específicas. (COELHO, 2008, p.7)

Novas formas de se fazer o jornalismo esportivo também geram críticas. A dinâmica dada a programas que misturam esporte e entretenimento, principalmente na televisão, pode levar a discussões sobre os caminhos da editoria, como refletem Barbeiro e Rangel (2006).

Os autores falam da necessidade de se tratar o jornalismo esportivo com mais seriedade. Dizem: “Ele (o jornalismo esportivo) se confunde, frequentemente com puro entretenimento.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.13). Questionando o jornalismo esportivo televisivo, eles também refletem que “Na televisão, há um exagero das matérias esportivas “engraçadinhas”, o que passa um aspecto de falta de seriedade do repórter e também da emissora. [...] Há um limite entre o bom gosto e o jocoso”. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.37)

A evolução do jornalismo esportivo perpassa pelas transformações de técnicas, padrões e estilos de se transmitir as informações do futebol no Brasil ao longo dos anos. Isto engloba o surgimento de novas funções e novos veículos, da inserção de mulheres na editoria,

e também passa por avanços tecnológicos e mudanças de contexto social. Já tivemos um jornalismo declaratório amador, que passou a ser qualificado com a valorização do jornalista de futebol e, agora, vivemos o ápice da integração entre a informação esportiva e o entretenimento, no rádio, na TV e, principalmente, na internet.

3 MULHER E ESPORTE

Como em todos os outros âmbitos que não envolvem os afazeres domésticos, a participação da mulher no esporte precisou, a base de muita luta, ser conquistada. Desde que as modalidades esportivas passaram a fazer parte do cotidiano social, por lazer ou profissão, as práticas foram masculinizadas.

A primeira disputa das Olimpíadas, datada de VIII a.C. na Grécia, não contou com presença feminina. Às mulheres não era permitido, sequer, assistir às disputas, exceto às sacerdotizas. “A única presença feminina permitida nos Jogos era a de Sacerdotisas, que eram consideradas ‘mensageiras dos deuses’, trazendo boa sorte para os competidores. Elas eram as responsáveis pela entrega das coroas de oliveira para os vencedores.” (SOARES, 2016)¹.

Também segundo a autora, uma história da Era Antiga marca a trajetória feminina nas Olimpíadas, quando uma mulher foi perseguida por burlar a organização para participar, “por trás das cortinas”, da competição.

Uma das mais famosas histórias sobre mulheres nas Olimpíadas da Antiguidade vem de uma mulher chamada Kallipateria, treinadora do seu próprio filho, um lutador de boxe chamado Pisidoros. Ela correu risco de morte ao se tornar treinadora, e se vestia de homem para assumir o papel, mas quando seu filho ganhou a luta, ela não se aguentou e acabou se expondo ao público. Felizmente ela foi poupada da morte, mas só porque seu pai, seu irmão e seu filho foram campeões olímpicos. (SOARES, Thais, 2016)

Esta realidade perdurou da Antiguidade Clássica à Contemporaneidade. As Olimpíadas da Era Moderna – que estão mais próximas do evento que conhecemos hoje – foram inauguradas em 1896, pelo Barão Piérre de Frédy, que não considerou incluir as mulheres nas disputas, seguindo o modelo da Grécia Antiga.

Conforme Soares (2016), naquele ano foi permitido a elas que assistissem aos Jogos. Novamente, uma personagem inconformada com a imposição, destacou-se. Tratava-se da maratonista Stamata Revithi.

Como forma de protesto em resposta à essa proibição, uma mulher chamada Stamata Revithi resolveu realizar o percurso da Maratona do lado de fora do estádio, já que ela não podia competir lá dentro. Ela realizou a prova em um tempo menor que alguns homens, mas não foi reconhecida como participante e ainda foi vaiada. (SOARES, 2016)

Os registros mostram que na segunda edição da competição moderna, nos Jogos Olímpicos Paris 1900, o Comitê Olímpico Internacional (COI) já começou a esboçar uma

¹ Trecho de artigo publicado no blog Nó de Oito. Disponível em < <http://nodeoito.com/mulheres-nas-olimpiadas/> >. Acesso em 6 de junho de 2017

tentativa de aceitação da figura feminina, o que gerou visibilidade para as mulheres. Porém, segundo Soares (2016), elas só seriam consideradas oficialmente como atletas e competidoras pela organização nos Jogos Olímpicos de Berlim 1936.

A autora também relata que, ainda tímido, o quadro feminino das Olimpíadas foi integrado pela nadadora brasileira Maria Lenk, posteriormente reconhecida como a pioneira do esporte, entre as mulheres, no país. A atleta também participou dos Jogos de Los Angeles, em 1932, quando o COI ainda não havia oficializado as competidoras.

Os feitos de Maria Lenk eram acompanhados pela imprensa e pelos entendedores do esporte, que já a reconheciam como um ícone da modernidade e das conquistas femininas no esporte. No trabalho de Silvana Vilodre Goellner (2004), publicado pela revista da Universidade Federal de Goiás (UFG), *Pensar a Prática*, a nadadora tem seu trabalho destacado.

[...]nesta Olimpíada, sediada na cidade de Los Angeles, que o Brasil registrará a participação da sua primeira atleta: a nadadora paulista Maria Lenk, então, com 17 anos de idade.

Ainda que as mulheres brasileiras não tenham começado a praticar esportes apenas a partir desta Olimpíada, a participação de Maria Lenk é um marco importante a ser registrado porque proporcionou a divulgação da imagem da atleta de competição num tempo em que à mulher correspondia mais a assistência do que a prática das atividades esportivas num grau competitivo. (GOELLNER, Silvana Vilodre, 2004, p. 2-3)

Mas ela não foi a única mulher a se aventurar no esporte, neste período, no Brasil. A autora cita, por exemplo, que em 1911, aconteceu, no Rio de Janeiro, a primeira prova feminina de remo e, em 1935, os Jogos Femininos de São Paulo.

Há registros de que a presença feminina nas modalidades esportivas, ainda que reconhecida oficialmente, era bastante limitada. Se hoje as lutas femininas e feministas se travam pela quebra de estereótipos, padrões e pela igualdade de direitos dos gêneros, àquela época, em que as primeiras reações à condição das mulheres surgiam, era inadmissível que uma esposa, mãe, dona de casa, abandonasse as tarefas de casa e o papel de mulher feminina, bem cuidada e frágil para dedicar-se ao esporte. O que também foi destacado no trabalho publicado pela UFG.

“Identificada como de natureza frágil, nesse momento, circulavam vários discursos que alertavam para possíveis perigos que a prática competitiva poderia representar, entre eles, o da masculinização da mulher.” (GOELLNER, 2004, p. 2).

O receio de que a mulher se masculinizasse era tamanho que algumas modalidades esportivas chegaram a ser proibidas para prática feminina no Brasil. Um

documento, elaborado pelo General Newton Cavalcanti e entregue ao Conselho Nacional de Desportos em 1941, tratava do que era ou não permitido à mulher praticar. No trecho final da proposta, que foi reproduzida pela Revista Educação Physica², “deve ser terminantemente proibida a prática do futebol, rugby, polo, water-polo, por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino.” (REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, 1941, p.78).

Oficializado pelo Decreto Lei 3199, o documento foi respeitado por alguns anos até que algumas manobras, com a promoção de competições estritamente femininas, burlavam as regras.

Apesar de abominada pelos conservadores sociais, a prática esportiva para mulheres era contemplada e bem vista aos olhos de alguns estudiosos. Em 1933, o professor da Escola Superior de Educação Physica de São Paulo, Américo R. Netto, destacou que, através do esporte, a mulher modernizou-se.

O esporte chamou a mulher para o ar e para o sol. E também para a água, esta irmã gemea do exercício. Desmente-se, assim, a secular legenda do sexo que para ser bello devia ser debil, necessaria-mente. [...] Graças aos esportes, ella toma o seu quinhão – e que farto quinhão! – na grande vida das actividades physicas. Os habitos novos estão fazendo uma gente também nova. A languidez, tão cara aos românticos, já não existe, quasi. A saúde affirma-se. A vitalidade triumpha. Não há mais lentidões, temores nem desfallecimentos, agora que a mulher aprendeu a empunhar o volante do automovel e do aeroplano, embriagando-se com a velocidade das machinas de correr, ouvindo e entendendo o rythmo Z-bemól dos seus motores. Ella vive hoje mais e melhor porque sente e vibra num rythmo mais rapido, mais largo também. [sic] (NETTO., 1933, p. 23-24).

O que parecia, à época, um grande avanço, não representou, com o passar dos anos, uma conquista real. Apesar de, aos poucos conquistarem seus espaços (e os pódios) nas competições esportivas, apenas nos Jogos Olímpicos Londres 2012 que as mulheres puderam ser incluídas, oficialmente, em todas as modalidades disputadas.

3.1 NO FUTEBOL

Não é difícil concluir, ainda que não se tenha acesso a referências históricas e bibliográficas que a relação da mulher com o futebol, dentro e fora de campo, também foi (e ainda é, por vezes), vista com maus olhos.

Anteriormente, falávamos que, no Brasil, elas chegaram a ser proibidas de jogar, sob a justificativa de que o esporte era masculinizado e poderia fazer com que as mulheres

² Periódico desenvolvido pela Companhia Brasil Editora S.A., teve 88 edições publicadas entre 1932 e 1945. Tinha a proposta de orientar a educação física no Brasil

perdessem sua essência frágil, além de que a prática poderia deformar o corpo, tonificando músculos além do que era aceitável.

No Brasil, a primeira partida feminina aconteceu em 1913, em São Paulo, entre moradoras dos bairros Cantareira e Tremembé. Fernanda Gaiotti Silva menciona o acontecimento em Revista Firula – porque futebol agora é coisa de mulher (2004)³.

O primeiro jogo de futebol feminino no Brasil aconteceu em 1913. A partida entre as mulheres dos bairros Cantareira e do Tremembé era beneficente para a construção de um hospital da Cruz Vermelha, em São Paulo. No entanto, jornais da época diziam que as jogadoras eram, na verdade, homens atuando de saia. Segundo o pesquisador Eriberto Moura, a partida atraiu grande público, com o anúncio nos jornais de que as mulheres podiam até jogar futebol. (SILVA, 2004, p. 12).

A prática não era bem vista pela sociedade e foi marginalizada. A pesquisadora Heloísa Turini Bruhns, no livro Futebol, Carnaval e Capoeira – entre as gingas do corpo brasileiro (2000), registra que as mulheres que jogavam faziam parte das classes de menor poder aquisitivo. A autora é citada no trabalho de Alex Sandro Chaves, O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social.

[...] razão pela qual as atletas apresentarem comportamentos bastante parecidos com os de seus colegas homens, recebendo julgamentos como "falta de classe", "mal cheiro", "povo grosseiro" e outras denominações atribuídas àquela camada da população duplamente marginalizada [...]. (BRUHNS, 2000, in CHAVES, 2007, p. 1.)

O autor reforça o trecho acima, ainda baseando-se em Bruhns (2000), mencionando que as mulheres que jogavam futebol, eram apontadas por “cuspir no chão, dar pontapés, brigar”, comportamentos que eram repudiados perante a sociedade.

Fora de campo, no entanto, desde os primórdios do futebol no Brasil, a presença feminina foi venerada como forma de elitizá-lo. A prática era exclusiva da alta sociedade e, como tal, as partidas eram consideradas verdadeiros eventos sociais, em que pessoas importantes se faziam presentes e, tanto quanto nas festas e reuniões de negócio, exibiam suas companheiras, como troféus. Silva (2004) destaca este papel desempenhado pelas jovens mulheres do século XIX. “Às mulheres, cabia o papel de torcedoras. As partidas de futebol eram um evento da alta sociedade com marcante presença feminina.” (SILVA, 2004, p. 11).

Apesar de permitida a presença da mulher torcedora, não era considerado de bom costume que elas se expressassem como tais. Renata Capellano explica o comportamento das

³ Trabalho apresentado para a conclusão do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), orientado pelo professor doutor Márcio de Oliveira Guerra.

torcedoras na obra *O torcedor de futebol e a imprensa especializada* (1999). Hábito que, inclusive, nomeou os amantes do futebol que se simpatizam por determinado time.

Foram as mulheres, aliás, que consagraram a expressão “torcer”. Como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O hábito as fez ficar conhecidas como “torcedoras” e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos aqueles que compareciam com frequência às partidas no intuito de incentivar as equipes (CAPPELLANO, 1999, p. 28-29)

A visão machista do futebol não é exclusivamente brasileira. Tanto, que, conforme Soares (2016), a modalidade feminina do esporte foi aceita, oficialmente, somente em 1996, já no final do século XX, nas Olimpíadas disputadas em Atlanta.

Fato que, segundo o que destaca Mayara Maia (2016) “No ‘país do futebol’, se dá bola para as mulheres?”, não diminui as conquistas das jogadoras, especialmente as brasileiras que, em 20 anos de disputas oficiais nos jogos se destacaram de maneira surpreendentemente maior que a seleção masculina que, com toda história, midiatização e valorização diante do “País do Futebol”, somente conquistou o ouro olímpico na última edição das Olimpíadas, em agosto de 2016.

Apesar de ainda não terem conquistado o ouro olímpico, em seis edições disputadas, segundo os dados da FIFA, as meninas já trouxeram duas medalhas de prata, conquistadas em 2004 e 2008, em Atenas (quando elas foram as únicas a representar o futebol brasileiro. Os homens não foram classificados) e Pequim, respectivamente. Também conforme os registros da Federação, nos Jogos Pan Americanos, elas são tri-campeãs. Levaram ouro nas edições de 2003, 2007 e 2015.

No primeiro ranking divulgado pela FIFA, em 2003, a seleção ocupava a sexta posição. Hoje, é a nona melhor do mundo. A seleção masculina voltou à primeira posição no último ranking divulgado pela Federação, em abril.

Mesmo estando entre as 10 melhores do mundo, Maia (2016) expõe que não há espaço e atenção para o futebol feminino no Brasil, exceto em épocas de grandes disputas, como as Olimpíadas ou o Pan. A autora evidencia as dificuldades para o avanço do esporte.

Diferente dos avanços cronológicos que a história do futebol masculino do Brasil já alcançou e se revela através da atual rede econômica e profissional dos envolvidos no esporte, o futebol feminino pelo Brasil ainda engatinha lentamente em seu processo de obtenção de investimento, apoio e reconhecimento antes nacional a nível profissional para as suas atletas.

A cada ano olímpico, ao futebol masculino, a torcida brasileira parece esperar nada menos de seus jogadores representantes do que a medalha de ouro para oferecer aos seus apaixonados a identidade de “país do futebol”, inspirada por pensamentos do identitário social norteados pela compreensão de um futebol brasileiro enriquecido por “dons” que só os brasileiros possuem. Já para a categoria feminina, o futebol se apresenta a cada Jogos Olímpicos, por sua visibilidade internacional, como um espaço de busca da seleção brasileira e de seus apaixonados por uma medalha capaz de possivelmente trazer maiores valorizações profissionais para as jogadoras de futebol do Brasil. (MAIA, 2016, p.1)

A luta ainda vai além da valorização econômica. Trata-se, também, de um reconhecimento do trabalho desenvolvido, de enxergar as jogadoras como profissionais e, ainda, de perceber o futebol feminino, tanto quanto o masculino, como parte da cultura e do cotidiano do brasileiro.

Explícita, a distinção feita entre as duas versões da modalidade foram analisadas também por Maia (2016), diante da campanha da seleção feminina nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. A autora enfatiza que, para as jogadoras, o ouro significava mais que a conquista do esporte, poderia trazer mudança, na visibilidade e na valorização. Elas sabiam disso e se lamentaram.

A derrota da nossa seleção feminina no jogo contra a equipe do Canadá, no dia 14 de agosto, expressada no rosto e nas falas da Marta, jogadora profissional de futebol, brasileira respeitada e admirada em todo o mundo com o título de cinco vezes melhor jogadora de futebol do mundo, não representava apenas a compreensão da derrota de um jogo olímpico por parte da atleta. Mas o entendimento da perda de maiores reconhecimentos para a modalidade que poderiam surgir se o ouro olímpico, ou ao menos o bronze, tivesse sido alcançado. “Desculpa” e “Por favor, não deixem de apoiar o futebol feminino!” foram palavras que a Marta, entre o choro, conseguiu dizer para a transmissão da Globo após a equipe não conseguir o bronze. [...]Ela sabe muito bem que a derrota de hoje tem mais a ver com a desvalorização, o desrespeito e o descrédito dados a elas enquanto jogadoras profissionais e às outras jogadoras de futebol do Brasil que impossibilita um trabalho melhor e a longo prazo, do que com toda a habilidade, a determinação e o empenho que essas jogadoras colocaram desde o início da competição. (MAIA, 2016, p. 2-3)

Se ao menos culturalmente a seleção fosse reconhecida, isso já representaria um avanço. O que é o futebol feminino que não futebol? E, por que, em detrimento da tradicional seleção canarinha, masculina, elas ficam à mercê das vitórias para conseguirem a visibilidade? A mulher brasileira também gosta e apoia o futebol, como também vemos no artigo. “Deveria ser uma modalidade já considerada culturalmente pelo país como espaço também para as mulheres.” (MAIA, 2016, p. 3). A autora se apoia em Gregory (2014), e

comenta a atual realidade do esporte no país, criticando a necessidade de mudança e questionando o futuro do futebol feminino.

Se percorrermos em direção às exibições do futebol de mulheres pela TV ou em jornais, Gregory (2014) afirma que estas ocupam um tempo irrisório nos noticiários esportivos, sendo pouquíssimas competições e campeonatos transmitidos e/ou divulgados. “O Brasil tem um número enorme de mulheres que jogam futebol. 400 mil que o praticam regularmente, conforme o Atlas do Esporte”. (GREGORY, 2014, p. 13). Deveria ser uma modalidade já considerada culturalmente pelo país como espaço também para as mulheres. Mas, “é nessa modalidade que as desigualdades de gênero se somam com mais força às desigualdades de classe e étnico-raciais”. (GREGORY, 2014, p 13). A justificativa inicial se encontra no fator histórico da entrada da mulher nesse esporte, carregado de impedimentos e proibições. Os poucos dados que se apresentam com maior recorrência na televisão se especificam na maioria das vezes sobre informações da seleção brasileira, com nenhum ou pouquíssimo investimento na história e nos acontecimentos de clubes locais e times de representatividade municipal, estadual ou regional. Times estes que comportam a grande maioria das jogadoras de futebol do Brasil. (MAIA, 2016, p.3)

Encerrando suas considerações, a pesquisadora enfatiza que a realidade tem que mudar na base. É preciso que se aceite que a mulher tem a capacidade de jogar e que podem fazê-lo com excelência.

O que esperar do futebol feminino do Brasil nas próximas competições mundiais? Se queremos o ouro, queremos opinar sobre as condições de atuações das jogadoras e bater no peito, nos sentindo tão em campo representados por “guerreiras”, temos que ser torcedores e apoiadores também presentes, incentivar a longo prazo, abrir as portas das escolas e oferecer possibilidades de meninas também correrem atrás da bola, marcarem gols e realizarem lindas defesas com outras meninas e com os meninos também, investir em políticas públicas que incentivem projetos sociais, escolinhas de base até a fase adulta, campeonatos a níveis desde locais a internacionais e planos de carreira. (MAIA, 2016, p. 4)

A valorização da prática do futebol feminino perpassa pelo entendimento de que o esporte é democrático e pela desconstrução de estereótipos como “coisa de menino” e “coisa de menina”. É neste sentido, que Maia (2016) sugere que haja mais investimentos para o esporte.

Aprofundando os estudos sobre as relações da mulher com o futebol, é possível perceber, também, que o distanciamento do esporte e sua masculinização, por vezes, ultrapassaram a prática, ficando claros, também, para torcedoras, árbitras, jornalistas, professoras, treinadoras, dirigentes e afins.

3.2 MACHISMO E ASSÉDIO EM TODA PARTE

Para além da prática do esporte, a ideia da masculinização do futebol percorre os arredores do campo, os vestiários, as arquibancadas, as diretorias, as redações de jornais, as salas das casas brasileiras. A ideia de que “mulher não entende de futebol” é ultrapassada, chega a ser ofensiva, mas é uma máxima ainda defendida entre os homens e uma parcela machista da sociedade.

Como um reflexo da representação da mulher como “torcedora” no século XX, ainda hoje, a figura feminina somente é bem aceita no meio do futebol na imagem sexualizada., fator que foi bem enfatizado no I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, promovido no dia 10 de junho de 2017, por mulheres que participam de torcidas organizadas em todo o país. Durante o encontro, várias torcedoras destacaram que sua representatividade é bem aceita somente quando faz parte do conjunto “Mulher, futebol e cerveja”. Não é à toa que durante décadas modelos de biquíni protagonizaram comerciais de bebidas e outros fornecedores e patrocinadores do futebol no país. Realidade que, aos poucos, tem deixado a publicidade. Não pelo esporte, mas por outras lutas feministas.

Monique Dantas (2016), no trabalho “Mulheres no Jornalismo Esportivo”, esclarece que sexualizar a mulher ligada ao esporte atrai homens, mas diminui a representatividade e desvaloriza seu trabalho. Em março de 2016, o jornal Gazeta Online publicou uma reportagem⁴ em que deu voz a mulheres que passaram e ainda passam pelo preconceito e pelos comportamentos machistas, sendo praticamente obrigadas a conviver com eles, para estar perto do esporte.

A ideia de sensualizar a mulher fica bem explícita e comprovada logo no início da reportagem, quando o jornal menciona a experiência de Suzana Rosseto, eleita musa do time Rio Branco, no Espírito Santo, em 2011.

Em 2011, a torcedora Suzana Rosseto foi eleita pela torcida a musa do Rio Branco. Na época, teria que fazer um ensaio sensual de biquíni. Por conta de seus princípios, ela recusou e foi substituída por uma outra moça. "Não acho legal para o esporte e não tem nada a ver com musa de futebol, até mesmo as posições para as fotos. Não acho condizente". (Trecho da reportagem “Mulheres ligadas ao futebol lutam contra o machismo no esporte”, publicada pelo portal Gazeta Online em 6 de março de 2016)

⁴ Disponível em < http://www.gazetaonline.com.br/esportes/futebol_capixaba/2016/03/mulheres-ligadas-ao-futebol-lutam-contra-o-machismo-no-esporte-1013931918.html >. Acesso em 7 de junho de 2017

O material também expõe os desafios de jogadoras, árbitras, jornalistas e da presidente do Tupi, Myrian Fortuna, que, em 2014, foi a única mulher à frente de um clube brasileiro. Todas elas são unânimes em dizer que lutam com o preconceito e enfrentam dificuldades na profissão. Algumas até mesmo convivendo com comentários machistas e elogios que fogem do âmbito do trabalho com o futebol e passam para o lado pessoal.

Muitas vezes submetidas a assédio moral e sexual, as mulheres que lidam com o futebol se sentem encurraladas e diminuídas. Como acontece com Katiúscia Berger, uma das primeiras árbitras de futebol no Brasil.

Quando Katiúscia Berger ouviu de um famoso treinador, no clássico da final do Campeonato Mineiro, palavras que ela classifica como "coisas que eu não escutei nem na várzea", ela poderia ter encerrado ali sua carreira como bandeirinha. Insultos que procuravam desmoralizar a mulher Katiúscia por estar trabalhando em um jogo de futebol masculino. [...] "Se a polícia não tivesse entrado em campo, ele teria me agredido fisicamente. Com certeza. Mas eu optei por não levar o caso à frente para não atrapalhar minha carreira". [...] "Quando eu comecei, era muito comum jogadores e técnicos virem falar algum tipo de gracinha ou mesmo xingamento. Eu ficava inibida. Mas agora a gente pode puni-los por isso. Então diminuiu muito". (Trecho da reportagem "Mulheres ligadas ao futebol lutam contra o machismo no esporte", publicada pelo portal Gazeta Online em 6 de março de 2016)

Pode-se dizer que as mulheres que atuam na arbitragem, aliás, sofrem ainda mais preconceito. Apitando ou bandeirando jogos masculinos, os homens parecem se sentir que sua presença é uma afronta. "Hoje, depois de tanto tempo bandeirando aqui ela ainda se depara com gracinhas e xingamentos sexistas", diz outro trecho da reportagem a respeito de Katiúscia.

A atuação feminina nesta área foi tão restrita que somente em 2003, na partida entre São Paulo e Guarani, válida pelo Campeonato Brasileiro, é que um trio completamente feminino foi responsável pela arbitragem. Sílvia Regina de Oliveira e as auxiliares Ana Paula de Oliveira e Aline Lambert foram as juízas do jogo. Silva (2004) considera este feito uma conquista para a presença da mulher no esporte.

O trio feminino mostrou que a mulher conquistou e vem ganhando cada vez mais credibilidade no futebol, como também pode comandar com pulso firme as reclamações de alguns 19 jogadores. Para o psicólogo João Ricardo Cozac, a presença da mulher no esporte ainda causa uma certa revolução na face edipiana dos atletas. "Muitos deles testam as árbitras até o limite máximo da tolerância. O cartão amarelo ou vermelho surge na forma de palmada ou castigo." (CROZAC, J. 2003). (SILVA, Fernanda G., 2004, p.19-20)

Tempos depois, o trabalho e a presença das juízas em campo passou a ser melhor aceito e hoje não causa estranhamento ao público, embora apitar uma partida sem ouvir xingamentos ou ser assediada, ainda seja um grande desafio.

Agora ex-bandeirinha, Ana Paula de Oliveira, que integrou o trio pioneiro na arbitragem do brasileiro, protagonizou em 2007, um episódio de preconceito, que ganhou grande repercussão na mídia.

Ao anular incorretamente dois gols do Botafogo, em uma partida disputada contra o Figueirense na Copa do Brasil daquele ano, a profissional acabou por ser responsabilizada pela eliminação do alvi-negro carioca. À época, o então vice-presidente do time, Carlos Augusto Montenegro, protestou contra a assistente, em tom de preconceito. “Ela é totalmente despreparada. Errou dois lances seguidos. Não vejo mulher em Copa do Mundo, não vi mulher na final da Liga dos Campeões nem nas decisões mais importantes do mundo, mas colocaram uma mulher hoje, justo contra o Botafogo”⁵, disse Montenegro, na ocasião.

O episódio foi lembrado na reportagem de Maíra Nunes e Maria Eduarda Candim, para o portal do jornal Super Esportes. O material reforça que os erros de arbitragem são mais cobrados quando cometidos pelas mulheres e “Além de cobranças desiguais, elas têm espaço pífio: dos 215 árbitros da CBF, 15 são mulheres, o correspondente a 7%”, diz um trecho da reportagem, que também aborda o fato de as mulheres não ocuparem espaços como técnicas do futebol no Brasil. Emily Lima, que comanda a seleção feminina, assumiu a equipe em novembro de 2016 e é a primeira profissional a atuar no país.

3.3 O ESPAÇO DAS TORCEDORAS NO SÉCULO XXI

Há estudos, divulgados em 2014 em um artigo sobre o perfil da torcedora brasileira, elaborado pela pesquisadora Elizangela Aparecida da Silva, que mostra que, no Brasil, 80% das mulheres torcem para algum time e 30% delas acompanham campeonatos.

Na época em que o trabalho foi lançado, a autora se baseou em pesquisa realizada em 2010, pelo instituto Sophia Mind, em que também foi exposto que a maioria das brasileiras escolheram seus times sozinhas e não o deixariam a pedido do pai ou do parceiro.

⁵ Trecho retirado da reportagem Impedidas pelo preconceito: Mulheres são mais cobradas quando cometem erros de arbitragem, disponível em <http://www.superesportes.com.br/app/19,89/2017/03/08/noticia_futebol_nacional,61569/impedidas-pelo-preconceito-mulheres-sao-mais-cobradas-do-que-os-homen.shtml>. Acesso em 9 de junho de 2017

São dados que evidenciam que a mulher escolheu gostar de futebol. O que antes, no século XX, fazia-se por mera convenção social, a fim de que o esporte fosse elitizado, hoje se faz por identificação, simpatia.

Ao longo dos anos, à medida que o futebol foi se tornando mais querido no Brasil, o amor pelo esporte cresceu entre elas, quase ao mesmo passo em que sua presença nos estádios diminuía, conforme Leda Costa retrata o fato no artigo intitulado “As arquibancadas da torcedora. A presença feminina nos estádios brasileiros”, publicado em julho de 2016.⁶ Segundo o que defende a autora, isto aconteceu, entre outras razões, pelo fato da própria modalidade ter-se tornado popular. Em meados do século XX, a partir dos anos 1940, o futebol foi popularizado, ganhando as graças do proletariado. Já não era um esporte da elite. Não era chique torcer.

Os jogadores que se rendiam à prática e o público que a acompanhava não tinham comportamentos condizentes com o que era permitido a uma dama e, por conta disso, elas se afastaram das arquibancadas. Costa (2016) revela que Fatores econômicos também influenciaram.

Entretanto, com o passar dos anos as torcedoras vão deixando gradativamente de serem tão mencionadas pela imprensa, o que indica a diminuição de sua presença nas arquibancadas. Fatores econômicos podem justificar esse fenômeno. O historiador João Malaia Casquinha já demonstrou que ao longo dos anos de 1910 e 20, os homens que fossem sócios de clubes como o Fluminense tinham o direito de levar, sem custos, a esposa e duas filhas solteiras. Porém, essa prática foi sendo abandonada e, além disso, as arquibancadas deixaram de ter sua maioria composta pelos sócios, pois muitos clubes passaram a obter lucro com a venda de ingressos. Sendo assim, muitas mulheres, em sua maioria sem renda própria, passaram a deixar de frequentar os estádios. Além desse fato há de considerar que a crescente popularização do futebol provocou uma mudança no perfil de público freqüentador dos estádios. Os machts deixaram de ser considerados um evento social e passaram a ser associados a balburdia que para muitos cronistas era gerada pela presença de indivíduos das classes sociais mais baixas. Assim, os jogos de futebol começaram a ser percebidos como pouco adequados aos padrões de feminilidade, sobretudo aqueles relacionados aos estereótipos do sexo frágil cuja função primordial na sociedade seria a maternidade. [sic] (COSTA, 2016)

Da forma como são identificadas hoje, segundo Costa (2016), as primeiras torcedoras começaram a aparecer nos anos 1950. Neste período, a autora afirma que duas figuras se destacaram: a corinthiana Dona Elisa e a vascaína Dona Dulce Rosalina. Ambas chegaram a ser reconhecidas como torcedoras número 1 de seus times. A partir de 1956, Dona Dulce assumiu o comando da Torcida Organizada do Vasco (TOV), se tornando a primeira mulher a estar a frente de uma torcida organizada.

⁶Artigo publicado no blog do jornalista Juca Kfourri. Disponível em < <https://blogdojuca.uol.com.br/2016/07/as-arquibancadas-da-torcedora-a-presenca-feminina-nos-estadios-brasileiros/> >. Acesso em 7 de junho de 2017

À frente do seu tempo, as duas eram exceção à regra por gostarem de estar no estádio que se tornou um lugar desconfortável para as mulheres. Na pesquisa de Silva (2014) também são apontados fatores que fizeram, e, por vezes ainda fazem, com que elas se privem de acompanharem as partidas ao vivo. Entre eles, são destacados a violência e a condição dos banheiros. Estes são dados retirados de um estudo realizado pela Pluri Sports em 2012, que ouviu 1122 mulheres entre as capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e Salvador. Os dados apontaram que, de 2011 para 2012, somente 6% deste total assistiram a uma partida no estádio.

Uma pesquisa mais recente, de 2013, encomendada pela Rádio Globo à Box1824 ouviu 461 moradoras do Rio de Janeiro e de São Paulo e, das que se manifestaram como torcedoras de algum time, 59% mencionaram assistir a jogos de futebol pelo menos duas vezes por semana. Cerca de 38% afirmaram ter ido ao estádio mais de uma vez.

A revista *Época*, em reportagem publicada em dezembro de 2013⁷, retrata a volta da mulher ao estádio e coloca, como um dos motivos para isso, a proximidade da Copa do Mundo 2014, sediada no Brasil. Felipe Pontes, autor da reportagem, assim narra:

Sete meses antes da Copa de 2014, as mulheres ocupam cada vez mais espaço entre os torcedores da versão masculina do esporte – ainda a mais popular e rentável. Seja nos estádios mundo afora ou nas partidas do Campeonato Brasileiro, a torcida feminina é uma força crescente. (Trecho de reportagem “Não basta torcer, elas querem ir ao estádio”, publicada pela Revista *Época*, em 2 de dezembro de 2013)

Visivelmente, o público feminino nos estádios cresceu e, como também mostra a pesquisa, as torcedoras estão mais jovens, mais ligadas a seus times do coração e apaixonadas pelo esporte.

A melhoria nos estádios para a Copa do Mundo e o incentivo à adesão dos programas de Sócio Torcedor facilitaram esse crescimento da presença feminina. Ainda assim, há hostilidade.

No dia 10 de junho de 2017, um grupo de mulheres organizou o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, onde discutiram alternativas para incentivar a presença feminina no estádio e, especialmente, nas torcidas organizadas. Na oportunidade, torcedoras de clubes de todo o país relataram experiências de opressão e machismo que vivem e presenciam pelo fato de estarem presentes na torcida e expressarem seu amor pelo futebol.

⁷ Reportagem disponível, na íntegra, em < <http://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2013/12/nao-basta-torcer-belas-querem-ir-ao-estadiob.html> >. Acesso em 20 de junho de 2017.

Uma iniciativa inédita no país e essencial para promover o diálogo sobre a participação da mulher no esporte.

Impedidas pelo preconceito, a atuação feminina no futebol, em todas as esferas, a base de muita luta, tem crescido. A aceitação, como foi exposto, é outra história, que ainda está sendo escrita. Isto acontece, conforme defendido em Goellner (2004), pelo fato de os homens se sentirem ameaçados.

[...]a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser. (GOELLNER, 2004, p.3)

A desconstrução desses estereótipos acontecerá à medida que houver insistência, resistência. Tal qual foi sugerido pelas participantes do I Encontro Nacional de Mulheres de Aruibancada, transmitido pelo canal do Museu do Futebol no Youtube no dia 10 de junho de 2017, a valorização da mulher no futebol também é uma luta social por igualdade de direitos.

4 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Se foi difícil praticar, estar próxima e assumir gostar de esporte, quanto mais não custou à mulher conquistar seu espaço e respeito nas redações, na editoria esportiva. Como a sociedade daria credibilidade a uma mulher reportando ou comentando sobre algo que não dominava, como as regras de etiqueta e as atividades domésticas? Sem contar o fato de que as práticas estavam, muitas vezes, atreladas também à marginalidade, ao julgado mau-comportamento. O que era inadmissível a uma mulher. E para ser jornalista esportiva, era imprescindível, no Brasil, que se falasse de futebol. Era o que mais se vendia (e ainda se vende) de esporte.

Desde quando chegou ao país, em 1895, (e pode-se arriscar a dizer que ainda hoje seja assim), ele e o jornalismo esportivo caminharam de mãos dadas: o futebol é o que é pela imprensa. E a imprensa esportiva não tem o mesmo valor se não for pelo futebol.

Basta ver como são setorizadas as redações, ainda hoje: existem os jornalistas especializados em futebol e aqueles que fazem os outros esportes. Coelho (2004) destaca como a modalidade é tratada com um olhar diferenciado, até mesmo na disposição das equipes dentro de um jornal.

Nas editorias de esporte, geralmente fica bem separada a equipe que faz futebol da que faz outras modalidades. Não quer dizer que quem se dedica ao futebol não precise cobrir outro esporte. Cobre, sempre que a ocasião exigir. Mas é mais clara a divisão nas outras modalidades. Quem faz basquete também faz vôlei, atletismo, boxe etc. Mesmo que se dedique com mais afinco a um só esporte. (COELHO, 2004, p. 36).

E neste universo, ainda tão velado e reservado à idolatria do futebol, não havia espaço para a mulher. “Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa mudou.”, (COELHO, 2004, p. 34). Quando presentes nas editorias, com certeza, estavam bem distantes das quatro linhas. Afinal, a popularização do futebol tornou a modalidade um ambiente inóspito a elas. Por vezes, constrangedor.

O jornalista Marcelo Russio ressalta que à mulher não era aconselhável que tivesse contato com atletas e dirigentes grosseiros, até porque, segundo o profissional, eles eram completamente hostis no relacionamento com a imprensa.

À mulher, então, ficava reservado o trabalho com os esportes considerados amadores, como trata Coelho (2004), destacando que este é um fator ainda comum nas redações. “É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre

futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstraram conhecimento”. (COELHO, 2004, p. 35)

Entretanto, como o jornalismo esportivo, por muitas décadas dedicou-se quase exclusivamente ao futebol, por muito tempo não foi necessário que se tivesse jornalistas que falassem de outros esportes. O espaço para as outras modalidades era tão reduzido que “qualquer um” poderia tirar um minuto do seu tempo para escrever uma crônica de poucas linhas que relatasse um grande feito no vôlei, no basquete, no tênis, nas lutas... Mais um fator que dificultou a chegada da mulher às redações, oficialmente.

Silva (2004) pontua as crônicas da jornalista esportiva Ana Amélia, na década de 1930, como um marco da participação feminina no jornalismo futebolístico.

Em uma partida nas Laranjeiras, a jornalista reparou que o goleiro do Fluminense usava uma echarpe grená. No dia seguinte, escreveu um “poema de teor ardoroso e de dimensão épica fora do comum” (HELAL, R. 1990: p.39) em homenagem ao goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, com quem acabou se casando. (SILVA, 2004, p. 43)

O registro das partidas, no entanto, não se tratava de como se deu o jogo, na técnica, na prática. As crônicas esportivas iam para além do que era o futebol e tratavam o tema como um evento social. Uma forma de se fazer jornalismo muito diferente da que conhecemos hoje.

A atleta em arremesso de peso, Maria Helena Rangel é outra personagem que se destaca como pioneira no jornalismo esportivo. Estudante da Faculdade Cásper Líbero, em 1947 ela foi convidada a escrever para a Gazeta Esportiva.

Maria Helena fez inúmeras viagens como jornalista, para cobrir campeonatos de vôlei e basquete. Seu registro profissional data de 1º de janeiro de 1948 e exerceu a profissão por cinco, seis anos. Faleceu no ano de 2000, em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral. (DANTAS, Monique de A., 2016, p. 37)

No rádio, as equipes também eram formadas apenas por homens. A participação feminina no veículo, que cresceu junto com o futebol na primeira metade do século XX, ficava bem longe do esporte. Grandes estrelas surgiram como cantoras, atrizes, artistas completas. Mas no jornalismo esportivo, elas demoraram a ter espaço.

Guerra (2012) registra que as mulheres se inserem neste universo, no rádio, apenas em 1971. O acontecimento é tratado como “um dos principais momentos da participação da mulher”.

Trata-se de uma experiência criada pela Rádio Mulher, de São Paulo. Literalmente, um time de mulheres se dividindo em narração, comentários e reportagens. A narração das partidas pela Rádio Mulher era de responsabilidade de Claudete Troiano, que mais tarde passou a apresentar programas femininos na televisão. Junto a ela, Leilah Silveira, comentarista, e as reportagens com Germana Garili e Jurema Iara. (...) No final dos anos 70, no Rio de Janeiro, Cláudia Reis e Tereza Cristina Reis se destacaram como repórteres da Rádio Tropical FM. (GUERRA, 2012, p. 88)

A exemplo das próprias atletas, torcedoras e das árbitras, não era fácil ser jornalista esportiva. As mulheres que se arriscaram precisaram se sujeitar ao machismo, ao assédio, a xingamentos. Em “Por que não elas?”, Russio (2003) afirma que as mulheres eram diminuídas pelos colegas de trabalho e pelos profissionais com os quais precisavam lidar. “Falava-se com elas com aquele sorriso no canto dos lábios, como quem fala com um ignorante, tentando não confundi-lo com informações que, supostamente, ele não entenderá.” (RUSSIO, 2003).

O preconceito, o machismo e o sexismo eram tantos que, até a década de 1970, não havia mulheres na reportagem de campo. Isto, porque, também, no futebol não havia postura e uma visão mais profissional para se divulgar o esporte, utilizando-se da imprensa. Era comum que os repórteres fossem atrás dos técnicos e jogadores dentro dos vestiários, em busca das entrevistas. Como uma mulher entraria em um vestiário masculino? Guerra (2012) registra que foi preciso que se criasse uma lei para que as repórteres pudessem estar no local.

De acordo com a professora Sidinéia Gomes Freitas, da USP, na palestra de abertura do I Fórum de Debates, Mulher, Esporte, Sexo, Imagem Corporal e Hipocrisia somente em 1974 foi criada uma lei que permitiu às mulheres adentrarem nos vestiários masculinos (o mesmo valendo para os homens perante os vestiários femininos) para obter declarações pós-jogo. (GUERRA, 2012, p. 88)

Ainda amparadas pela lei, era difícil para elas exercerem a profissão, tamanho era o constrangimento em ter que lidar com jogadores nus, em um ambiente completamente hostil e tomado por homens. Mesmo assim, houve aquelas que se arriscaram e marcaram a história.

4.1 PIONEIRAS NO FUTEBOL

Nos anos 1940, Mary Zilda Sereno destacou-se no fotojornalismo esportivo e foi reconhecida como “especialista nas coberturas de futebol em São Paulo” (DANTAS, 2016).

Mary considerava natural entrar nos vestiários do Pacaembu, na década de 1950, e a atitude da fotojornalista era vista como uma valentia. Não era comum uma mulher jornalista entrar facilmente num vestiário. Quando ela era vista, tinha sempre uma pessoa para avisar aos jogadores que estava chegando ao vestiário. “Eles se vestiam e eu fazia as fotos”, disse Sereno. (DANTAS, Monique de A., 2016, p. 38)

Outras jornalistas fizeram história na reportagem e se tornaram pioneiras. Entre as profissionais, destacam-se Sonia Regina Nassar, que foi a primeira mulher a frequentar os vestiários para entrevistar as equipes antes e depois dos jogos; e Regiani Ritter, que foi a primeira repórter de campo. Além delas, nos anos 1980, no Rio de Janeiro, Martha Esteves foi a primeira a entrar nos vestiários. Corajosas, enfrentaram muito constrangimento para exercer com excelência suas funções. A rotina é descrita pelo jornalista Luiz Augusto Xavier, para o jornal *Gazeta do Povo*.⁸

Sonia sofreu muito pelas barreiras que o machista esporte bretão impunha. Por aqui, futebol era coisa de homem. Para jogar e para cobrir. Não era como hoje, com salas de imprensa e jogadores escalados pela assessoria de comunicação do clube. Era mesmo no peito e na raça. Vestiário aberto, entravam os jornalistas e radialistas (a crônica esportiva, como se dizia) para as impressões finais sobre a peleja. Alguns jogadores ainda no chuveiro, mas tudo bem, importante era ouvi-los. Imagine as dificuldades que ela passava. Mas nunca deixou de cobrir com qualidade os clubes e eventos para os quais era escalada. (XAVIER, Luiz A., 2011)

Elas se arriscavam, se submetiam às situações de constrangimento e à convivência nada profissional com as fontes e com o público. Exerciam suas funções, mas não tinham voz. A experiência de Regiani Ritter com os colegas bem ilustra como a realidade dentro e fora da redação era preconceituosa.

Para fazer seu trabalho, Regiani precisou vencer as barreiras do preconceito. Foi na década de 1980 que a jornalista se consagrou como pioneira do jornalismo esportivo no Brasil, quando se tornou a primeira mulher a ocupar a função de repórter de campo. Em 1983, na *Rádio Gazeta*, quando apresentava um programa musical e de variedades, foi convidada por Pedro Luiz Paoiello para substituir repórteres da equipe esportiva e, ali, iniciou sua trajetória (Apêndice 15). Na *TV Gazeta*, anos mais tarde, assumiu o programa “Mesa Redonda”, como comentarista e produtora. Como profissional, não encontrou cenário diferente do relatado por Russio (2003), quando o autor menciona que as mulheres eram tratadas como crianças.

Em entrevista concedida ao portal UOL Notícias em outubro de 2013⁹, Regiani relata que sofria muito preconceito, inclusive dos colegas de trabalho. Em 1986, ouviu de Milton Neves, durante o programa, que não entendia de futebol. “E eu era sempre a última a falar e a primeira a apanhar.”, desabafou a jornalista na ocasião da entrevista.

⁸ Luiz Augusto Xavier é colunista. No artigo intitulado “Sonia e as jornalistas”, publicado em 5 de outubro de 2011, descreve o trecho especificado. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/colunistas/luiz-augusto-xavier/sonia-e-as-jornalistas-9mqkfof13w1ndrs5ssirdk5se>. Acesso em 20 de junho de 2017

⁹ Entrevista disponível, na íntegra, em < <https://uolesportevev.blogosfera.uol.com.br/2013/10/07/pioneira-no-esporte-jornalista-lembra-preconceito-e-briga-com-milton-neves/> >. Acesso em 20 de junho de 2017

Neste episódio com Milton Neves, marcado pelo tom de briga entre os profissionais, Regiani lembra que o apresentador chegou a gritar com ela. “Cala a boca, a minha vontade era falar ‘cala a boca’. Ele falou vários minutos e eu não abri a boquinha, quando abri a boca para falar, ele começou a gritar comigo e me xingar.”.

A discussão se deu por conta de um comentário de Regiani. Insatisfeita com a atuação do goleiro Carlos, que atuava pela seleção, a jornalista destacou os erros e se disse preocupada com o destino da equipe. Milton Neves discordou e não se conteve.

O episódio marca o desafio de Regiani frente aos próprios colegas de trabalho. Mas não foi o único enfrentado. Como repórter de campo, Regiani precisava exercer, com igual profissionalismo, as funções que os colegas homens desempenhavam. Dentre elas, conversar com os jogadores, inclusive, nos vestiários, quando necessário.



Figura 2: Regiani Ritter entrevista os jogadores palmeirenses Antônio Carlos e Velloso dentro do vestiário. (Disponível em < <http://www.portalmidiaesporte.com/2014/03/conheca-a-jornalista-regiani-ritter.html> >. Acesso em 20 de junho de 2017)

Na imagem anterior, um registro do que era comum até os anos 1980: os jogadores e técnicos eram entrevistados no vestiário. Em entrevista cedida para esta pesquisa, Regiani conta que, por questões de postura, no início, apenas os repórteres homens tinham acesso ao local. Ela e outras jornalistas tinham que aguardar após o jogo que as equipes se recompusessem e, somente na saída do estádio, conseguiam conversar com jogadores e técnicos.

Era estranho. Elas não entravam. Ficavam esperando na porta do vestiário, como eu, no início. Cansei de perder boas matérias pela frescura... Por isso e com o apoio do treinador do São Paulo, o Cilinho, tive de entrar. Era meu trabalho! (Apêndice 1).

Em entrevista¹⁰ concedida ao blog *Elas Vestem a Camisa*, em maio de 2013, a jornalista conta como foi a primeira vez em que entrou no vestiário.

Foi ridículo. Eu estava no Morumbi, era uma quarta-feira gelada, não tinham dois mil torcedores na arquibancada e o São Paulo perdeu. Eu corri até o técnico Otacílio Pires de Camargo (Cilinho) para entrevistá-lo, mas não dava porque os torcedores estavam jogando pilha, radinho e sapato nos jogadores. Ele falou para irmos ao vestiário, mas eu disse que por decência, só entrava quando os jogadores estivessem parcialmente vestidos. O Cilinho falou que eu ia entrar com ele naquela hora e eu fui. Entrei, os jogadores estavam nus. Quando me viram, correram para tudo quanto é lado com a mão na frente. Foi hilário e eu não podia rir (risos). Numa fração de segundos, só tinha um jogador à vista. Era o Casagrande. Ele não se cobriu. Topou me dar entrevista e só pediu para eu esperar ele tomar uma injeção. [...] O Casagrande subiu no banco, ficou de costas, tomou a injeção no bumbum, desceu nu do banco e me deu a entrevista. Como o Casão ficou, aí veio um jogador de sunga, outro de toalha. Ele salvou minha vida. (Trecho da entrevista de Regiani Ritter no artigo “Regiani Ritter – A primeira jornalista a entrar nos vestiários brasileiros”, do blog *Elas Vestem a Camisa*)

Na entrevista publicada pela UOL em 2013, a jornalista também lembra de quando foi expulsa do vestiário da equipe do São Paulo. Segundo ela um dos conselheiros do clube disse que não era permitido que mulheres permanecessem no local. Regiani se retirou, mas o então dirigente do clube, Carlos Miguel Aidar, entrevistou, a favor da repórter. Após ouvir Aidar e entender a questão, Regiani se recorda que o conselheiro tentou se desculpar.

O conselheiro, após entender o recado, deixou o vestiário. Regiani então resolveu voltar a trabalhar. Chamou o câmara e foram entrevistar os jogadores. Antes da primeira entrevista, porém, o elegante conselheiro voltou a aparecer desta vez com uma caixa de vinhos na mão. “Você não acredita! Ele voltou com uma caixinha com três garrafas de vinho de São Roque, sabe aquelas de dois reais cada uma na época? E falou: “Eu queria muito que você aceitasse essa lembrancinha como prova do meu arrependimento pela grosseria que eu fiz. Eu olhei para a mão dele e falei: Esse deve ser o preço das mulheres da sua família, as mulheres da minha família não têm preço”. (Trecho da entrevista de Regiani Ritter na reportagem “Pioneira no esporte, jornalista lembra preconceito e briga com Milton Neves”, publicada pela UOL em 2013).

Com toda a dificuldade imposta pelo machismo, a qualidade de seu trabalho e seu desempenho profissional foram reconhecidos. Coelho (2004) a coloca como um exemplo de mulher no jornalismo esportivo.

No passado, especialmente entre repórteres, houve grandes profissionais mulheres. O melhor exemplo talvez tenha sido Regiane Ritter, que trabalhou na cobertura de três Copas do Mundo. Era bem-informada e entendia do assunto. Tanto que suas claras demonstrações de conhecimento causam até hoje lembranças carinhosas em homens apaixonados por futebol. [sic] (COELHO, 2004, p. 35)

¹⁰ Entrevista disponível, na íntegra, em < <https://elasvestemacamisa.wordpress.com/2013/05/24/regiani-ritter-a-primeira-mulher-a-fazer-entrevistas-nos-vestiarios/> >. Acesso em 25 de junho de 2017

Também para o jornalista Marcelo Di Lallo, Regiani é referência no jornalismo esportivo e se destaca entre as profissionais pelo seu conhecimento sobre futebol.

Apesar do estilo explosivo, ela tinha a capacidade de se impor em qualquer tipo de entrevista e "peitar" todos os tipos de preconceito e discriminação que lhe perseguiram por toda sua brilhante carreira. Os próprios jogadores, técnicos e dirigentes tinham um enorme respeito pela profissional. Regiane Ritter foi um grande marco do rádio esportivo brasileiro. [sic] (DiLALLO, apud RUSSIO, 2003)

Pioneiras, Regiani, Sonia e o time de mulheres que integravam as equipes esportivas nas estações de rádio e nos jornais nos anos 1970 e 1980 participaram, também, do processo de especialização e profissionalização do setor que possibilitou às mulheres ganharem espaço nas redações.

4.2 O INÍCIO DA NOVA GERAÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO COM AS MULHERES

Finalmente, ao final da década de 1980 a mulher teve espaço e reconhecimento no jornalismo esportivo e, ainda que timidamente, no futebol. No fim da década, Isabela Scalabrini foi a primeira mulher a apresentar um programa de esporte na televisão. Ela integrou a primeira equipe do Globo Esporte, na Rede Globo, e, em 1989 foi também pioneira entre as apresentadoras do Esporte Espetacular (o qual também foi apresentado por Mylena Ciribeli, a partir de 1991). Antes disso, participou, como repórter, da cobertura dos Jogos Pan-Americanos de 1983 e das Olimpíadas de 1984.

No início de sua carreira como repórter de esportes, teve de enfrentar preconceito. As perguntas que mais ouvia eram: "O que você veio fazer aqui? Entende de futebol?" Ela mostrou que entendia, sim, e só respeitou um tabu: nunca entrou no vestiário dos jogadores. (Trecho retirado do portal Memória Globo¹¹)

Antes de Isabela, também segundo o portal Memória Globo, Monika Leitão foi a pioneira das coberturas esportivas na emissora, participando das Olimpíadas e dos Jogos Pré Olímpicos em 1980. Em 1996, assumiu o cargo de produtora do Esporte Espetacular.

¹¹ O portal Memória Globo traz a história de programas e profissionais que passaram pela Rede Globo. A publicação em questão registra a trajetória de Isabela Scalabrini na emissora e está disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/isabela-scalabrini/trajetoria.htm> >. Acesso em 20 de junho de 2017

Formada em Comunicação Social na PUC, foi escolhida em um processo de seleção da Globo do Rio de Janeiro para participar de um estágio de três meses, onde os estudantes aprenderam todas as etapas da produção da notícia para a televisão. Depois do período de curso, foi convidada a integrar a equipe de Esportes, quando passou a fazer matérias principalmente para o *Globo Esporte*, e a entrar ao vivo em vários telejornais da emissora. Na época, a Divisão de Esportes era dirigida por Ciro José, e Monika Leitão foi uma das primeiras mulheres a participar da cobertura esportiva da TV Globo, ao lado de editores como Hedyl Valle Júnior, Michel Laurence, e Luizinho Nascimento. (Trecho retirado do portal Memória Globo¹²)

Outras personagens se destacam por conquistarem, aos poucos, o espaço da mulher no jornalismo esportivo. Entre elas estão Ana Zimmermann foi a primeira mulher a cobrir uma Copa do Mundo pela Rede Globo, em 1998 (antes dela, em 1994, Regiani Ritter havia feito reportagens); Renata Fan, a primeira a comandar um programa no estilo “mesa redonda”, na Band, a nível nacional. Em Minas Gerais, antes dela, Dimara Oliveira tornou-se a pioneira na apresentação do programa pela Band Minas e também pioneira nas reportagens de campo, destacando-se junto à Adriana Spinelli, que foi apresentadora e repórter do Alterosa Esporte no final da década de 1990.

Soninha Francine, se destacou como a primeira comentarista da ESPN Brasil. “Ela não chega a ser *expert* no assunto. Mas certamente entende mais do riscado do que boa parte dos homens que pretendem ser especialistas pelo país afora” (COELHO, 2004, p. 35).

Em Juiz de Fora, quando ainda era estudante da Faculdade de Comunicação da UFJF, nos anos 1990, Regina Campos foi a primeira “repórter da galera”, integrando a equipe de esportes da Rádio Universitária. Depois dela, também se destacaram, à época, Priscila Brandão, Cristiane Dias e Vera Cury.

Glenda Koslowski que, durante anos, apresentou o Esporte Espetacular, tornando-se referência no programa e na apresentação, é outra que merece destaque. Pode-se dizer que elas marcaram o início de uma nova geração do jornalismo esportivo, muito mais aberto e acessível às mulheres.

Os canais especializados em esporte, especialmente na TV fechada, provam isso. O SporTV, por exemplo, conta hoje, com mais de 30 mulheres no quadro de profissionais entre apresentadoras, comentaristas e repórteres. Claro que os homens ainda são maioria, mas basta se conectar a uma transmissão de jogo de futebol em um dos canais para perceber como a presença delas está mais frequente nas transmissões. Na Fox Sports, segundo Dantas (2016), sete mulheres integram o time de 21 repórteres, Três delas trabalhando em São Paulo e as outras quatro no Rio de Janeiro. No ESPN, a autora faz a contagem de um time de três

¹² Trecho disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/monika-leitao.htm> >. Acesso em 20 de junho de 2017.

repórteres e uma apresentadora, além da comentarista Soninha Francine. E no Esporte Interativo, Dantas (2016) soma a presença de nove profissionais na equipe, entre apresentadoras e repórteres.

Nos canais abertos, o Globo Esporte faz o diferencial na participação de mulheres. De acordo com o portal Memória Globo, as mulheres comandam o programa em pelo menos 14 estados, incluindo o Distrito Federal. São, ao todo, 18 apresentadoras, responsáveis tanto pelas edições diárias, quanto aquelas que cobrem folgas ou cumprem a função eventualmente.

No rádio a presença delas também tem sido mais frequente, especialmente na Globo. Camila Carelli, Ana Thais Mattos e Mayra Siqueira são nomes que se destacam na equipe Globo/CBN. Inclusive, o sistema tem mesclado a participação das repórteres no rádio e em alguns programas ou transmissões do SporTV, o que dá mais espaço a elas.

Ao mesmo tempo em que percebemos que as mulheres vêm ocupando as emissoras, a internet também cumpre seu papel democrático e, através de sites e blogs, dá oportunidade das profissionais, de forma livre, desempenharem suas funções enquanto jornalistas esportivas. O blog Donas da Bola, que hoje conta com oito colaboradoras, é um exemplo, assim como os sites Fim de Jogo e Dibradoras, que trata de diversas modalidades. Além desses, blogs e portais ligados às emissoras tradicionais de TV e às próprias jornalistas também contribuem para que a presença feminina seja mais efetiva no jornalismo esportivo. Na web, a demanda por notícia é maior, mais urgente e daí, surge mais espaço e flexibilidade.

Os sites e blogs independentes podem ser colocados como um marco, inclusive, por facilitarem e viabilizarem o poder de opinião das profissionais que, por vezes, na mídia tradicional, é sufocado pelo machismo dos colegas de trabalho.

O impresso, em contrapartida, é o único que ainda parece mais tímido com a presença feminina. “No jornalismo impresso não há uma quantidade significativa de mulheres jornalistas como acontece no telejornalismo esportivo” (DANTAS, 2016, p. 65). A autora destaca os nomes de Martha Esteves (O Dia), Marluci Martins (Extra), Tatiana Furtado (O Globo) e Alaíde Pires, que trabalhou n’O Dia e no Extra e foi pioneira na cobertura da Fórmula 1, se destacando também nas reportagens do vôlei e do basquete.

Na Folha de S. Paulo, Isabel Tanese foi destaque ao assumir a edição do caderno de esportes por três anos, “entre o afastamento de Roberto Benevides, pouco antes da Copa do Mundo de 1998, e seu próprio pedido de demissão em março de 2001” (COELHO, 2004, p. 34).

4.3 ELAS COMANDAM

Além de Isabel Tanese, Martha Esteves também ocupa um cargo de chefia no O Dia, desde 1997, como sub-editora de esportes e Mariluci Martins é editora no Extra. Na TV, além das apresentadoras, Kitty Balieiro foi chefe da redação do ESPN Brasil até 2012, quando foi demitida.

Podendo ser considerada um fenômeno recente do jornalismo esportivo na televisão brasileira, a apresentadora do Esporte Espetacular Fernanda Gentil é uma das referências contemporâneas. Revelou-se no Esporte Interativo, onde se destacou como repórter e apresentadora, seguindo para o SporTV e, posteriormente, para o canal aberto da Globo onde, antes de se tornar apresentadora, atuou como repórter esportiva e se destacou em quadros especiais, como o Rumo à Copa.

No dia 13 de junho de 2017, Fernanda estreou, ao lado de Vanessa Riche, Mayra Siqueira, Camila Carelli e Ana Thaís Mattos, o programa Convocadas, que compõe a nova programação da Rádio Globo. A exemplo da equipe de 1970 na Rádio Mulher, o Convocadas é produzido e apresentado apenas pelas repórteres. Em uma hora semanal, de 22h às 23h, todas as terças-feiras, o quinteto debate temas atuais de esporte e, especialmente, de futebol. O comando da apresentação fica por conta de Fernanda e Vanessa.

Além do novo desafio, Fernanda chegou a ser cotada, ainda em 2014, para se tornar a primeira narradora de uma partida de futebol da emissora e há rumores, ainda, de que a apresentadora poderia comandar os microfones na Copa 2018.

Esta seria a segunda tentativa da Globo de emplacar uma mulher à frente das transmissões. Nas Olimpíadas de 2016, Glenda Koslowski marcou seu nome na história do jornalismo esportivo mais uma vez ao se tornar a primeira narradora da televisão. Glenda esteve à frente dos microfones nas disputas de ginástica artística e, em meio a crítica e elogios, a apresentadora afirmou, em entrevista ao portal da revista Pure People¹³, que a oportunidade foi um passo importante para que as mulheres também possam narrar.

¹³ Entrevista disponível em < http://www.purepeople.com.br/noticia/glenda-kozlowski-comemora-ser-1-narradora-da-globo-me-senti-abracada_a126980/1 >. Acesso em 24 de junho de 2017

Para Glenda, ser a primeira mulher a narrar esportes na TV é um passo importante para o mercado de trabalho feminino. "A gente tá muito acostumado com a voz masculina, então acho que pode ser estranho em um primeiro momento. Mas também acho importante, porque se alguma menina um dia pensou em fazer isso, agora vai ver que pode. Eu vejo meu filho mais novo (*Eduardo, de 11 anos*) imitando o narrador do videogame e se tiver alguma menina que também faz isso e me ver fazendo, agora vai ver que pode. Se eu despertar isso, já fico muito feliz". (Trecho da entrevista de Glenda Koslowski na reportagem "Glenda Kozlowski comemora ser 1ª narradora da Globo: 'Me senti abraçada'", publicada pela Revista Pure People em julho de 2016)

Algumas mulheres já se aventuraram na narração do futebol, ainda tida como tabu e desafio. Luciana do Valle, filha do consagrado narrador Luciano do Valle teve experiências frustradas na Band, nos anos 1990. Sem registros, a tentativa não vingou e a emissora desistiu de ceder os microfones a Alessandra.

Em 2014, Renata Silveira, formada em Educação Física e especializada em Jornalismo Esportivo, narrou, pela Rádio Globo, a partida entre Uruguai e Costa Rica, jogo disputado na primeira fase da Copa do Mundo de 2014. A oportunidade foi dada a Renata após ela ter vencido o concurso "Garota da Voz", promovido pela emissora com o objetivo de dar à vencedora a oportunidade de narrar.

4.4 A NARRAÇÃO FEMININA NA RÁDIO ESTAÇÃO WEB

Desde 2016, a Rádio Estação Web, de Porto Alegre, que realiza transmissões via internet, tem uma equipe feminina dedicada à transmissão de jogos de futebol. Em entrevista para esta pesquisa, Rogério Barbosa, diretor da emissora, afirma que a iniciativa foi planejada desde 2012.

Desde 2012, tínhamos interesse em colocar uma narradora em nossas transmissões esportivas, a exemplo do que foram Zuleide Ranieri no rádio paulista dos anos 70 e Luciana do Valle na TV Bandeirantes durante os anos 90. Depois de tentativas e desistências de alguns nomes, a Clairene se colocou à disposição para narrar jogos. A preparação dela para a nova função durou quase um ano. Nesse ínterim ela se inscreveu em um curso de narração esportiva e começou a treinar em off nos estúdios. A estreia como narradora foi em 20/11/2016 no jogo Inter 2 x 1 Ypiranga de Erechim, final da Supercopa Gaúcha no estádio Beira-Rio. (Apêndice 2)

Clairene Giacobe é a única narradora da equipe que hoje é composta por outras duas mulheres: Paula Cardoso e Cleunice Schlee, que exercem as funções de repórteres e comentaristas. Além das três, também integram a equipe da Rádio Estação Web as radialistas Tábata Machado e Bruna Souza, que participam das transmissões de handbol. (Apêndice 2)

A narradora da Estação Web começou na emissora em 2012. Como radialista, atuou sempre na equipe esportiva. Depois de ver algumas colegas desistindo do desafio,

Clairene se disponibilizou a narrar. Fez um curso, em uma turma com dez homens e se apaixonou pela narração. “Fui única mulher em uma turma de dez homens. O preconceito e machismo foi muito grande. Mas, como fui mostrando grande entendimento tático, fui conquistando espaço. Hoje consegui um certo respeito e me sinto segura a narrar” (Apêndice 3).

Desde que começou, Clairene já narrou jogos femininos e masculinos, dos campeonatos regionais, estaduais e do brasileiro. A radialista está se graduando em jornalismo, segundo ela, “para ter mais conhecimento na área” (Apêndice 3).

Sobre a aceitação dos ouvintes da Rádio Web, Clairene se mostra satisfeita, diz que o retorno é positivo e que tem ouvido muitos elogios e palavras de encorajamento, tanto por parte de colegas, quanto do público.

Barbosa também vê a atuação da radialista na narração como um ponto positivo na rádio.

A iniciativa teve boa aceitação do público ouvinte-internauta e também dos demais profissionais de imprensa. Houve uma repercussão muito boa no Rio Grande do Sul e em outras partes do Brasil, sendo tema de matérias e reportagens. Com certeza seguiremos com narração feminina, até porque em agosto começa a ser disputado o Estadual Feminino aqui no Rio Grande do Sul. Gradativamente colocaremos narração feminina nos demais jogos do ano. (Apêndice 2)

A experiência de Clairene na Rádio Web já significa outra conquista para as jornalistas esportivas. Campo ainda inóspito às mulheres nas grandes emissoras, a narração ainda é tabu diante das muitas funções que elas já conseguiram ganhar nas redações, colocando abaixo, nas últimas três décadas, a ideia que perdurava desde os tempos de Charles Müller, de que futebol e esporte não é coisa para mulher. Mais que espaço, com isso elas vêm ganhando representatividade na editoria.

4.5 A REPRESENTATIVIDADE DA PRESENÇA FEMININA NAS EDITORIAS ESPORTIVAS

A pesquisa de Dantas (2016), aponta que, pelos jornais de todo o país, entre emissoras de rádio e TV, portais, sites e jornais impressos, a presença das mulheres nas editorias esportivas vem crescendo consideravelmente desde a década de 1980. Segundo a autora, o número de jornalistas passou de 7,5% nas redações para 80% nos anos 2000. O estudo mostra que a grande maioria atua na televisão (mais de 74%) e nas assessorias, no impresso e na internet os números de mulheres são bem menores em relação aos homens.

Entre os canais de TV esportivos, na TV fechada, a presença das mulheres é razoável. O SporTV é o que apresenta maior porcentagem, segundo o estudo: 33,3% dos profissionais são mulheres. Em segundo lugar, está o Esporte Interativo, com a porcentagem de 28,6% e em terceiro o Fox Sports, com 23,8%.

Na TV aberta, a Band é a que mais emprega mulheres no jornalismo esportivo. Elas representam 35,7% do total de profissionais. A RedeTV é a segunda emissora, com 28,6% de jornalistas mulheres e a Globo a terceira, com 21,4%.

No que pode ser considerada uma justificativa para estes números, Dantas (2016) defende que a participação feminina na mídia se deve à popularização do futebol na televisão e também por isso mais mulheres atuam no jornalismo esportivo, principalmente, na televisão. Para a autora, esta popularização despertou mais interesse do público feminino para o esporte e, para aproximar a notícia do novo público, as emissoras passaram a apostar nas mulheres, especialmente como apresentadoras.

Baggio (2012, p.18) fala que a participação de mulheres jornalistas nos programas esportivos aproxima as mulheres do esporte. E se as diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas, a presença delas nos programas de televisão ajuda na identificação da figura feminina num meio considerado masculino. (DANTAS, 2016, p.44)

Neste sentido, a autora também leva em conta o fato de a escolha sobre quem vai apresentar determinado programa passar pelos fatores beleza e simpatia, o que, segundo Santos (2011) apud Dantas (2016), torna-se uma estratégia para se impulsionar a audiência.

Somado a isso, a presença feminina nas redações também é justificada pela necessidade de romantização da crônica esportiva, a exemplo do que fazia Ana Amélia, na década de 1930. É claro que a mulher está apta a exercer qualquer função no jornalismo esportivo, com tanta excelência quanto o homem, como defende Bruno Filippo, no artigo “Existe Jornalismo Esportivo Feminino?”¹⁴, publicado em 2014, mas o espaço dado a ela também está atrelado à ideia de que a mulher possa dar uma outra visão, um “lado feminino” à reportagem, ao comentário ou ao que quer que seja.

No entanto, assim como enfatiza o autor, não existe um “jornalismo esportivo feminino”. Ao jornalista, seja homem ou mulher, cabe noticiar, informar, comentar, narrar, tal qual acontece em qualquer outra editoria. Este posicionamento, com a presença cada vez mais forte das mulheres no esporte, tem se dissolvido, aos poucos. Anelise Farençena Righi, em

¹⁴ Artigo publicado no site Rádio em Revista, disponível em <<http://www.radioemrevista.com/existejornalismo-esportivo-feminino/>>. Acesso em 24 de junho de 2017

“As Donas da Bola – Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo”¹⁵, comemora a mudança e ressalta que elas também têm ganhado voz dentro das redações.

Hoje, algumas delas têm voz e opinião na televisão brasileira e podem comentar sobre todos os esportes, do remo à Fórmula-1, mesmo que, em alguns programas, esse direito continue sendo privilégio masculino. As mulheres que atuam no jornalismo esportivo são mais que jornalistas, também, são atletas que disputam diariamente uma corrida com obstáculos, pulando sobre preconceitos, machismo e exclusões (RIGHI, 2006, p.34).

Mayra Siqueira, repórter da Rádio Globo/CBN, em entrevista ao blog Torcedores.com em março de 2017¹⁶, demonstra que a figura da repórter esportiva que “enfeita” a redação e enche os olhos das fontes, dos colegas e do público não existe.

Quanta mulher chega pra mim e diz que me admira, que admira o meu trabalho e eu digo que eu sou uma pessoa que trabalhou e que as coisas foram acontecendo, mas eu não sou diferente nem melhor do que ninguém, qualquer um pode fazer o que eu faço, mas é o que você precisa saber, se você se dedicar você pode estar aqui. Você não precisa ter costas quentes, você não precisa ser linda, você não precisa ser nada, só você ser competente e se dedicar bastante. (Trecho da entrevista de Mayra Siqueira publicada na reportagem ‘Você não precisa ser linda, só competente’, diz Mayra Siqueira, da Rádio CBN/SP”, publicada em março de 2017)

Avançando contra o machismo e sexismo enraizados nas redações, as jornalistas especializadas em esportes hoje fazem de tudo um pouco. Falta a elas, o interesse e a coragem (Apêndices) para dominar os microfones e comandar as transmissões de futebol, a exemplo de Clairene, na Rádio Estação Web.

¹⁵ Trabalho de Conclusão de Curso pelo Centro Universitário Franciscano, apresentado em 2006

¹⁶ Entrevista disponível em < <http://torcedores.uol.com.br/noticias/2017/03/segunda-parte-entrevista-mayra-siqueira> >. Acesso em 24 de junho de 2017

5 ANÁLISE DE PESQUISA

Com o objetivo de descobrir e elencar, nesta pesquisa, os motivos pelos quais as jornalistas esportivas ainda não ocupam o campo da narração, foi elaborada uma entrevista, de cunho qualitativo, que teve como fontes, unicamente, mulheres que atuam ou já atuaram no jornalismo esportivo brasileiro. As entrevistas, compostas por cinco perguntas, buscou colher o depoimento das profissionais e sua opinião, a partir das experiências que viveram e compartilharam. As respostas são base para elucidar as razões que afastam as mulheres do comando das transmissões esportivas no rádio e na TV brasileira.

Entre as cinco questões, buscou-se saber das entrevistadas como elas despertaram interesse pelo jornalismo esportivo; se, em algum momento, pensaram em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade; se já fizeram testes na narração; por que, na opinião delas, a participação feminina no jornalismo esportivo cresceu, mas ainda não chegou à narração; e, na última pergunta, quais fatores contribuem para que as mulheres ainda estejam longe do comando das transmissões esportivas.

A entrevista foi enviada, como forma de questionário, a 31 mulheres jornalistas, entre as quais estão repórteres, comentaristas, produtoras, apresentadoras e assessoras, que atuam em rádios, na TV, no jornal impresso e na internet, duas estudantes de jornalismo que já exercem funções nas redações esportivas e uma radialista.

No período entre 2 de junho de 2016 e 19 de junho de 2017, 24 profissionais receberam o questionário através de email e as outras dez pelo Facebook. Deste total, 18 profissionais abordadas (ou 54,54% do total) responderam às perguntas até o dia 26 de junho de 2017.

5.1 INTERESSE PELO JORNALISMO ESPORTIVO

Na primeira pergunta, buscou-se saber como foi despertado o interesse das jornalistas pela editoria esportiva com o questionamento “Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?”.

Entre as respostas, 16 mulheres (88,88%) afirmaram que sempre ou desde criança se interessaram pelo esporte, especialmente, pelo futebol. Elas elencam que a paixão fez com que quisessem seguir a área, ainda na faculdade. Cinco das 16 (31,25%) destacam que a família foi responsável por inseri-las no universo do esporte e incentivar o amor pelo futebol.

Pamela Schtscherbak, repórter da TV Transamérica em Curitiba, no Paraná, conta que se apaixonou pelo esporte por causa do avô. “Ele me levava ao estádio” (Apêndice 5).

A exemplo da jornalista, Gabriela Telles, do Lance, no Rio de Janeiro, conta que o pai sempre a levava aos estádios.

Meu pai me colocou no universo do futebol, quando me levou pela primeira vez ao Maracanã. Desde então, me interessei muito pelo esporte e já que não jogava, queria fazer parte desse universo de alguma forma. Foi então que escolhi o jornalismo como profissão. (Apêndice 13)

Roberta Oliveira, repórter do G1 Zona da Mata, lembra que foi a mãe quem a ensinou a amar o futebol. “(...)comecei a acompanhar com ela, que me inspirou a torcer pelo Botafogo”. (Apêndice 18)

Três jornalistas despertaram para o esporte mais tarde. São elas Mayra Siqueira, repórter da Rádio CBN em São Paulo; Aline Falcone, editora de conteúdo do globoesporte.com, que já atuou como repórter, produtora e apresentadora no rádio e na TV e Regiani Ritter, que hoje apresenta o programa “Disparada no Esporte”, na Rádio Gazeta. Elas destacam que, a exemplo das colegas, o interesse pelo esporte foi natural, mas trabalhar na área não estava nos planos.

Mayra conta que a oportunidade surgiu em um estágio, quando ela ainda estava na faculdade, da mesma forma que Aline.

Eu sempre curti esportes, mas a oportunidade veio após uma experiência quando fui estagiária no Sistema Globo de Rádio, no último ano de faculdade. O projeto de estagiários incluía um mês em cada editoria e eu me identifiquei muito quando passei pela de esportes da Rádio CBN. Após me formar, eu comecei a trabalhar na editoria de cidade, mas surgiu uma vaga no esporte da CBN alguns meses depois, e o gerente da área, Álvaro Oliveira Filho, me ofereceu. Isso foi em 2010. De lá para cá, só esporte na minha vida. (Apêndice 8)

Quando Regiani iniciou sua carreira, não era comum que mulheres atuassem no jornalismo esportivo. Foi chamada para a equipe de esportes na Rádio Gazeta para cobrir a vaga de um colega que viajaria com a seleção e se apaixonou.

Gostava de futebol sem me interessar em trabalhar com ele. Tinha um programa na Rádio Gazeta AM, um musical com variedades, e de vez em quando fazia alguns comentários sobre esporte. O diretor do depto. de esporte, Pedro Luis Paoliello, me convidou para cobrir a vaga de um repórter que ia viajar com a seleção, e eu achei interessante. Interessante? Fascinante! Não tinha rotina, viagens pelo interior do estado no campeonato regional, e pelo país no brasileirão. Peguei forte, tentei entender a loucura da torcida, aprendi rápido, e fui ficando! Dividi meu tempo entre a rádio e a Tv, que Roberto Avallone me chamou para cobrir férias de Cleber Machado, e fui ficando...Cheguei a cobrir futebol nos três meios de comunicação daquela época, ao mesmo tempo. Acredite se quiser, Arnaldo Branco me convidou para cobrir férias de Dinoel Marcos de Abreu no então "Diário Popular" e fui ficando... (Apêndice 15)

Apaixonadas pelo esporte e pela profissão, poucas delas já se imaginaram narrando uma partida de futebol ou de qualquer outra modalidade.

5.2 INTERESSE PELA NARRAÇÃO

Entre as entrevistadas, o gosto pelo esporte é quase tão unânime quanto o fato de não terem, nunca, despertado o interesse pela narração. Quando perguntadas, na segunda questão, se “ao iniciar a carreira, pensaram, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade”, apenas sete, entre as 18 profissionais que responderam à entrevista (o que representa 38,88%), responderam que sim. Renata Graciano, do blog Donas da Bola, afirma que a narração é um sonho para ela. (Apêndice 16).

Marinna Protasiewytch, repórter da Rádio Força Jovem, em Curitiba, conta que os colegas de trabalho já chegaram a conversar sobre isso. A jornalista já pensou em narrar, mas não se sente preparada. “(...)acredito que é preciso treino para isso”(Apêndice 4)

O incentivo de colegas de trabalho não é tão raro. Mayra Siqueira e Regiani Ritter já foram convidadas a experimentar a narração. No caso de Mayra, a proposta partiu, inclusive, de narradores renomados na Rádio Globo, como Deva Pascovici e Oscar Ulisses, que viram potencial na voz e nos trejeitos da repórter. A jornalista confessa que falta coragem para tentar.

Desde pequenina, falavam que eu seria "locutora de rádio", pela velocidade com que eu sempre falei. Quando comecei a trabalhar em rádio, o narrador Deva Pascovici, um ídolo e um narrador excepcional, sempre me cutucou pra narrar. Achava que eu teria tudo que precisa para uma boa narradora - o que, na visão empreendedora dele, faria um extremo sucesso, dado o ineditismo (ou quase ineditismo). Mais tarde, o também narrador Oscar Ulisses, também incrível e de longeva e bem sucedida carreira, fez coro ao Deva. Achou que eu deveria arriscar. Sempre me faltou coragem, mas confesso que acho que faria bem. (Apêndice 6)

Regiani Ritter conta que foi convidada a narrar por um diretor da TV Gazeta, mas negou, segundo ela, por não saber fazê-lo.

(...)não podia, embora já fosse editora-chefe, produtora executiva, redatora, repórter e comentarista, disse não. Por um simples motivo: eu não sabia narrar...todo o resto eu aprendi trabalhando. Narrar, definitivamente, não me atraía! (Apêndice 4)

A estudante de jornalismo Janaína Wille, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, integra a equipe esportiva da Rádio Universitária junto a outra amiga. As duas são as únicas mulheres, junto a outros 13 homens. Janaína conta que os amigos também a incentivam, mas não se sente preparada para exercer a função.

Os meus colegas incentivam muito, já que eu tenho experiência como comentarista. Acham que eu deveria narrar também. Mas eu não me sinto preparada ainda. É necessário muito dinamismo, ritmo, agilidade, não pode haver tempo ocioso na narração em rádio. Não acho que conseguiria. Quem sabe um dia... (Apêndice 21)

Entre as negativas, algumas das jornalistas afirmam que nunca se imaginaram narrando e destacam que são felizes desempenhando as funções de reportagem, produção, assessoria. A exemplo de Regiani, outras 8 das 18 profissionais (44,44%) disseram que não pensaram ou que não se sentem aptas para narrar. Aline Falcone, defende que, independente do gênero, a narração requer talento. “(...)nunca pensei na possibilidade de narrar porque acredito que, independentemente do gênero, a pessoa tem que ter talento para a função. E eu definitivamente não tinha”. (Apêndice 8)

Marina Proton, que já foi repórter do G1 Zona da Mata e hoje é assessora do Tupi, ressalta, também, o fato de que, por não existirem mulheres no comando das transmissões a nível nacional, a narração acaba se tornando uma área que as profissionais deixam esquecida, não a tendo como oportunidade de atuação. “Talvez se isso fosse uma fonte do jornalismo esportivo para as mulheres, eu certamente teria esse interesse” (Apêndice 10).

Clairene Giacobe, da Rádio Estação Web, de Porto Alegre, que hoje narra partidas pela emissora, também nunca havia pensado na possibilidade de comandar os microfones em uma transmissão. Foi observando algumas colegas de casa abandonarem a proposta dos diretores da rádio que Clairene começou a realizar os testes. Durante a entrevista, a exemplo de Mayra Siqueira, ela opina que falta coragem às mulheres para assumir os microfones. “Nunca me imaginei narrando, achava muito complicado! Mas fui desafiada e fiz o curso, acabei gostando”. (Apêndice 20)

5.3 EXPERIÊNCIAS E TESTES NA NARRAÇÃO

A radialista e estudante de jornalismo é a única, das 18 entrevistadas, que já experimentou a narração e hoje atua nas transmissões. Ao lado das colegas Cleunice Schlee e Paula Cardoso, que ficam por conta dos comentários e reportagens, forma a única equipe feminina esportiva da rádio.

Todas as outras 17 entrevistadas, o que representa 94,4% do total, afirmaram que nunca narraram. Dessas, duas afirmaram que já chegaram a fazer trechos das transmissões. Entre elas, está, novamente Mayra Siqueira. “Já cheguei a brincar de narrar um pouco durante as transmissões da CBN. Mas apenas um trecho ou outro, uma cobrança de falta. Sempre incentivada pelo Deva” (Apêndice 6).

Quem também se aventurou em um trecho de locução foi Aline Falcone. Em resposta à questão de número 3, que pergunta às profissionais se elas já realizaram algum teste na narração, a jornalista revela que precisou narrar um gol em uma transmissão. “Definitivamente aquilo não foi narrar. (Risos) Não teve emoção, eu só descrevi o que aconteceu” (Apêndice 8).

A estudante de jornalismo Cássia Moura, que atuou como repórter na Rádio Bradesco Esportes, no Rio de Janeiro, destacou que nunca teve oportunidade de narrar (Apêndice 19).

5.4 POR QUE AS MULHERES AINDA NÃO NARRAM?

O machismo e o preconceito, a falta de interesse das profissionais e também das emissoras e o medo do estranhamento e, conseqüentemente, da rejeição do público, por não ser costume que se ouça uma mulher narrando uma disputa esportiva (principalmente uma partida de futebol), está entre os motivos que as jornalistas destacam para as mulheres ainda estarem afastadas da narração.

O relato de Roberta Oliveira sobre o início de sua carreira no jornalismo esportivo ilustra muito bem que o machismo, e a ideia de que “mulher não entende de esporte” ainda são bastante enraizados na sociedade brasileira. Questionada no meio acadêmico, pelos colegas e pelo público, a jornalista precisou provar que sabia do que estava falando para, com muita persistência, sobreviver na redação e exercer sua função da melhor maneira possível.

Quando defendi a minha monografia sobre Ayrton Senna em 2000, teve quem me perguntasse porque não fiz sobre outro tema. (Jornalismo Esportivo não era tão bem visto como agora e eu era uma "garota inteligente" para desperdiçar tempo com isso, na visão dos autores dos comentários). Ao fazer entrevista para meu primeiro emprego, tive que passar por uma sabatina sobre meus conhecimentos esportivos - o mais divertido foi ser questionada sobre quem treinava times, sobre vôlei (que eu joguei na escola) e sobre F1 (e a minha resposta foi: "Minha monografia foi sobre a construção do mito Ayrton Senna, o que você deseja saber?"). Ao comentar resultados nos programas e noticiários, tive que ouvir desde o "se fosse o fulano, saberia" de um apresentador (e a resposta foi: "sim, há chances porque fulano torce para o time citado. Mas posso pesquisar e te trazer a resposta") e um ouvinte que ligou e disse que "precisava me parabenizar porque eu entendia de futebol como se fosse homem". Por incrível que pareça não entendi como machismo, mas como uma pessoa habituada a lidar com um padrão que percebeu que não era só aquilo. Aguntei pessoas - da própria equipe - questionando minhas habilidades. E detalhe: nunca na minha frente. Estes foram momentos da minha jornada. (Apêndice 18)

Roberta também reflete sobre como a participação da mulher no jornalismo esportivo é subestimada e distorcida. Segundo a jornalista, o preconceito e o machismo, assim como ela vivenciou, acontecem de forma potencializada na grande mídia que inclusive alimenta o estereótipo de que a mulher "até pode falar de esporte", desde que ela "embeleze", agregue glamour à cobertura. Para Roberta, este é um dos desafios que a mulher precisa enfrentar, lutando para derrubar as ideologias conservadoras e ocupar espaços ainda inóspitos, como a narração.

E ainda tem quem as julguem por aparência e não por conteúdo (basta lembrar o episódio do site da Record debochando de fotos de Fernanda Gentil na praia - onde eles só pediram desculpas porque ela anunciou a gravidez, não pelo texto que é desnecessário do início ao fim). Isso tudo para dizer o seguinte: se as meninas, garotas, adolescentes ainda sofrem restrições pelo poder de fala como repórter, imagina então como narradora? Ainda temos poucas e em esportes específicos. Na Olimpíada do Rio, a Globo colocou Glenda Koslowski para narrar. Creio que as garotas ainda não miraram nesta função específica porque sempre foi vista como um território sagrado da voz masculina - e mesmo as mulheres que já narraram não são lembradas. Estamos em um processo de reescrever histórias e redefinir espaços, romper limites que nunca deveriam ter existido. Não é o fato de ser XY ou XX que vai determinar sua capacidade - é estudo, preparo e talento garimpado. Quanto mais mostrarmos para as garotas que elas podem sim gostar de esportes sem serem julgadas, comentar futebol sem ouvir a tradicional pergunta sobre se sabe o que é impedimento ou se tal jogador é bonito, creio que surgirá de forma natural o interesse em exercer esta função. E assim teremos narradoras surgindo. (Otimismo demais? Talvez. Mas prefiro assim). (Apêndice 18)

Tal como Roberta, Marinna Protasiewytch reforça que a ideia de fazer da mulher um atrativo a mais na programação esportiva contribui para que elas não ocupem lugares de fala. "(...)muitas vezes a mulher no jornalismo esportivo é utilizada como chamariz e infelizmente suas competências não importam e sim sua presença nos gramados para gerar o 'buzz' nos corredores e redes sociais" (Apêndice 4).

Outra razão, atrelada ao machismo, que aparece entre as respostas, é a diferenciação de cargos. Repórter do jornal Lance, Thaynara Lima justifica que, por ser, talvez, a função de maior destaque e importância na transmissão, por questão cultural, ela fica reservada ao homem.

Infelizmente, a narração esportiva ainda não tem mulheres e, para mim, isso se dá ao fato de que o status de narrador é o mais alto da transmissão de um evento esportivo e por conta do machismo institucionalizado as mulheres ainda não chegaram a esse patamar. Repare que eu disse AINDA, pois acredito que se continuarmos ocupando os espaços como fazemos, logo logo estaremos ocupando também as narrações esportivas. (Apêndice 12)

As jornalistas se somam a outras 10 entrevistadas que defendem que o preconceito e o machismo são os principais motivos que, hoje, impedem a mulher de narrar. Percentualmente, este é o pensamento de 72,22% das entrevistadas.

Aline Bordalo, repórter da Rede Globo e do site Paixão Futebol, que também já foi apresentadora da Band, acredita que o cargo de narradora ainda esteja distante para as mulheres, justamente pelo fato de os homens não darem espaço para que isso aconteça. “Da mesma maneira que os homens não curtem futebol feminino, eles também iriam criticar bastante um jogo narrado por uma mulher” (Apêndice 7). A ideia de rejeição é reforçada na opinião de Cássia Moura, ao dizer que “a posição de narração pode ser algo que se abra mais às vozes femininas aos poucos, devido o costume do público em ver e ouvir homens com estas responsabilidades” (Apêndice 19).

Aline Falcone e Clairene Giacobe compartilham da ideia de que as mulheres ainda não dominam este campo do jornalismo esportivo por não estarem completamente aptas. Em sua fala, Clairene enfatiza que a narração exige mais conhecimento. “(...)primeiro precisa ter leitura tática e na narração ter noção de tudo: voz, fôlego e ter interação com público!” (Apêndice 20).

Já Aline destaca que a narração feminina ainda não “aconteceu” no Brasil porque não houve uma profissional, com competência para tal, que se destacasse e encarasse o desafio. A jornalista também afirma que o gênero não deve estabelecer quem é ou não é apto para exercer alguma função.

Acho que é uma questão de prática e também de falta de opções. Ainda não surgiu uma mulher que narre bem no meio, que seja conhecida. Quando isso acontecer, pode incentivar outras a tentarem também. O gênero não pode e não deve limitar ninguém em função alguma, isso é uma bandeira que deve ser levantada sempre por nós. Nas outras funções do jornalismo, as mulheres foram mostrando seu valor, seu talento, dedicação e enfrentando o preconceito que ainda existe. E talento é algo inquestionável, não tem gênero. (...) a mulher pode exercer qualquer função. (Apêndice 8)

Há quem acredite que a narração está próxima de se tornar mais uma das conquistas femininas no jornalismo esportivo. Para Pamela Schtscherbak, as mulheres não demoram assumir a posição.

Logo chegaremos à narração. A hegemonia feminina no futebol ainda está fraca, mas com os anos - mais uns 2 ou 3 - estaremos de igual para igual com os homens. Futebol sempre foi considerado um entretenimento masculino e isso se fixou como cultura. (Apêndice 5)

Mayra Siqueira reconhece a existência do preconceito com relação à narração feminina mas, para a repórter, a falta de interesse da mulher em narrar é o maior empecilho para a quebra do tabu.

Nunca vi como um sonho pra nenhuma conhecida. Talvez seja uma questão de representatividade. Por nunca termos visto uma mulher responsável por uma narração, nunca passa pela cabeça, não de forma natural, que é algo que seria possível. Futebol ainda é visto como muito masculino, e, enquanto nós, mulheres, tomamos reportagem e aos poucos aparecemos como comentaristas, a área "imaculada" da narração segue como uma espécie de tabu. (Apêndice 6)

Diretamente aliado ao desinteresse pela área, Regiani Ritter ressalva que a narração também exige da mulher ainda mais dedicação e persistência para enfrentar a batalha diária contra o machismo. Relatando a própria experiência como jornalista esportiva, Regiani também destaca o fato de que, escolhendo a carreira no esporte, a mulher submete-se, por algumas vezes, a estar longe de casa. Na época em que começou, a jornalista lembra que isto era razão para que as colegas abandonassem a editoria. “Apesar de fascinante, exige tempo integral” (Apêndice 15).

5.5 QUAIS FATORES CONTRIBUEM PARA A AUSÊNCIA DAS MULHERES NA NARRAÇÃO?

A falta de representatividade, interesse e identificação com a função, para metade das entrevistadas, são os principais fatores que justificam a ausência de narradoras nas emissoras brasileiras. Junto a estes, seguem o machismo e o preconceito, a falta de oportunidades, o desinteresse por parte dos veículos e, como destaca Roberta Oliveira, “o imaginário construído em torno da voz masculina” (Apêndice 18).

Cássia Moura, que compartilha da opinião de Roberta, coloca “a tradição do público em escutar sempre vozes masculinas” (Apêndice 19) como o principal motivo para as mulheres se afastarem do comando das transmissões. Assim, as jornalistas defendem, também, certa dificuldade da mulher atender à expectativa do torcedor.

[...]desde os tempos do rádio, a gente sempre associa os momentos esportivos ao relato dos narradores. O "Peléeeeeeeeeeeeeeeee" do narrador mexicano em 1970. O "Ayrton Senna do Brasil!", "É teeeetraaaa!", "Quem é que soooooobe?", "Haja coração", "Hoje não. Hoje não. Hoje sim. Hoje sim?". "Kevin Durant, você é ri-dí-cu-lo!". "Wallace, este macho-alfa!". "É ouro!". "Eeeela disse adeus!" Nenhuma destas frases remete à voz feminina. Porque não foram ditas por mulheres. (Apêndice 18)

Janaína Wille complementa a fala de Roberta e Cássia, reforçando que, por conta dessa cultura toda construída pelas técnicas e bordões deixados pelos grandes narradores, nem mesmo as mulheres acreditam ter potencial para a narração. “A voz também influencia um pouco. As mulheres, em geral, possuem voz mais aguda. Para algumas pessoas, não soa tão agradável como uma voz grave masculina (principalmente na hora de gritar).” (Apêndice 21)

Vanessa Riche, Claudete Troiano, Luciana Mariano, Zuleide Raniere, Fernanda Gentil e Glenda Koslowski foram citadas durante as entrevistas como exemplos de profissionais cotadas para a função. Claudete, Luciana, Zuleide e Glenda chegaram às narrações. No entanto, essas podem ser destacadas como experiências isoladas, já que não tiveram prosseguimento. Vanessa e Fernanda são mencionadas entre as mulheres que chegaram a treinar ou realizar testes que também não chegaram a resultados. Aline Bordalo cita, inclusive, que Riche realizou vários testes, mas o projeto não foi para frente (Apêndice 7).

Os motivos para a desistência não são citados em nenhuma das entrevistas. Mas podem ser justificadas pelos fatores já elencados na fala de outras profissionais, pelo conservadorismo das emissoras (atrelado ao receio da rejeição) e pelo fato de as jornalistas não terem uma referência na qual se espelhar, o que é citado por 4 das 18 entrevistadas, as poucas mulheres que chegam a testar a narração acabam desistindo de levar a função a sério e peitar os colegas de trabalho. Pamela Schtscherbak enfatiza bem isso ao comentar que “Falta interesse por parte das mulheres. Digo aquele interesse de chegar e colocar a cara pra bater e dizer que quer ser narradora.” (Apêndice 5).

Na falta de quem queira realizar o sonho de narrar a esse ponto, outras profissionais que se arriscariam ficam à espreita. “Acho que quanto mais mulheres tentarem e se identificarem, mais comum será.”, opina Aline Falcone (Apêndice 8). Thaynara Lima defende o mesmo que a colega de profissão. “Falta de representatividade ainda é muito importante. Acho que a partir do momento em que a primeira mulher chegar lá, as outras se sentirão mais encorajadas a isso” (Apêndice 12).

O reconhecimento aparece como um agravante e acaba contribuindo para que as mulheres não tenham motivação para arriscar a narração. É o que defende Gabriela Telles.

“Se Marta, 5 vezes melhor do mundo, não tem o devido reconhecimento como jogadora, que dirá uma jornalista ou outra profissional terá espaço como narradora” (Apêndice 13).

Na visão de Clairene Giacobe, falta à mulher entender a técnica das narrações e falta ter coragem. “Nós podemos, sim!”, enfatiza a narradora em um trecho da resposta, lembrando que as narradoras também precisam conviver com maior exigência do público em relação aos colegas homens. “Um erro gera muita crítica” (Apêndice 20).

A estranheza e as críticas são lembradas por Roberta Oliveira como um desafio e também incentivo para que, aquelas que venham a ocupar o lugar de narradoras, se preparem e sejam, essencialmente, apaixonadas pelo futebol.

Para isso é fundamental que ela seja apaixonada por esporte e se prepare muito. Porque será cobrada por estar invadindo este universo pré-estabelecido como masculino. Terá seu talento contestado. Será alvo da maledicência. Não será fácil. Não será noite para o dia. Mas acontecerá. Eu acredito. (Apêndice 18)

Para além dos fatores que impedem a mulher de narrar, Roberta Oliveira, Marinna Protasiewytch, Pamela Schtscherbak, Mayra Siqueira e Aline Bordalo sugerem a necessidade de se respeitar e reconhecer a jornalista esportiva como profissional, capaz de exercer qualquer função que lhe seja dada com a mesma competência que os colegas homens. Para as jornalistas, lugares comuns como “mulher não entende de futebol” ou “mulher na editoria de esporte, só se for bonitinha”, além de contribuírem para sua ausência na narração e no jornalismo esportivo como um todo, diminuem sua importância e banalizam seu trabalho, sendo, inclusive, uma barreira para o aprimoramento do jornalismo, como um todo. É assim que Mayra destaca: “Enquanto eu - ou qualquer outra repórter mulher - for vista como "uma boa repórter entre as mulheres", e não como "uma boa repórter" e ponto final, vai ser difícil pensar que esse machismo não existe ou não atrapalha”. (Apêndice 6)

Apesar de ser, reconhecidamente, ainda inalcançável, é unânime entre as profissionais que a narração ainda será uma função exercida por homens e mulheres, independente do gênero. Também é unânime que, para que isso aconteça, será necessário que se quebre todos esses vínculos culturais que inibem as mulheres e causam estranheza ao pensamento de que elas são aptas a narrar, principalmente, o futebol.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alcançar o espaço e o reconhecimento no esporte, as mulheres lutaram muito. E ainda lutam. O respeito merecido ainda está longe. Basta ver os investimentos em esportes que não são, tradicionalmente, “feito para elas”: as lutadoras, corredoras, as jogadoras de futebol e atletas de tantas outras modalidades que no passado já foram exclusivamente masculinas, ficam reféns dos bons resultados para que tenham espaço na mídia e atraiam os patrocinadores.

No âmbito do futebol, que foi elucidado nesta pesquisa, a luta se estende, também, às torcedoras, árbitras e às jornalistas. Elas já têm espaço, quebraram muito do preconceito e do machismo, mas ainda são reféns de aprovação. A todo o tempo julgadas, vigiadas, as mulheres ainda têm a necessidade de se esforçar para provar à sociedade que amam e que entendem do esporte mais querido do Brasil, ao passo que os homens passam despercebidos, até mesmo quando erram, afinal, é natural que eles sejam ligados ao esporte. Ninguém se surpreende com um comentário ou comportamento durante uma partida ou discussão sobre futebol só pelo fato de o comunicador ser homem. Quando parte de uma mulher, as atenções todas se voltam a ela. Até mesmo se for para elogiar. Não é difícil que uma profissional ouça que entende de futebol como se fosse homem. Como se o gênero fosse requisito para a afinidade com o esporte. Tudo isso acontece pela cultura que masculinizou o futebol desde quando Charles Müller o instalou em nossas terras.

Às profissionais de comunicação, objeto deste estudo, a sabatina, talvez, seja ainda mais desigual. Não bastasse lidar com xingamentos, comentários machistas ou a ridicularização, por vezes, a humilhação é veiculada, assistida e ouvida, ao vivo, em rede nacional, por milhões de brasileiros. Elas assumem o risco por estarem em frente às câmeras ou atrás dos microfones... E, quando episódios como a briga entre Milton Neves e Regiani Ritter são veiculados, o preconceito potencializa, viraliza, e é tratado como normal. Assim como “uma mentira dita várias vezes torna-se verdade”, a humilhação acaba por tornar-se banal... E pior... Como os comunicadores são também formadores de opinião, é normal que o pensamento machista e preconceituoso seja, a partir dali, perpetuado. Quem assiste acha normal, concorda e replica o comentário, a humilhação, o machismo.

Ridicularizada, à mulher, que muitas vezes não tem direito de resposta diante da situação, resta lutar calada e persistir convivendo, como se fosse, de fato, normal ficar à mercê das percepções dos colegas de trabalho e do público.

Quando Roberta Oliveira relata como foi questionada, em entrevistas de emprego, sobre seu entendimento de esporte, não fala de simples questionamentos, como seriam feitos a qualquer um que se candidata-se à vaga. Trata-se de preconceito! É por isso que Mayra Siqueira enfatiza que a mulher só vai conquistar o respeito almejado no jornalismo esportivo quando ela deixar de ser tratada como uma profissional que se destaca entre as mulheres, e passar a ser vista como uma profissional que se destaca (e ponto final).

É verdade que muito já se conquistou, nos últimos 30 anos. Nas redações, a presença feminina já é algo comum, embora seja bem menor que a masculina. Hoje em dia, ninguém mais se assusta ao ver uma repórter ou uma comentarista de futebol. Apesar disso, o preconceito persiste enraizado e de forma velada. O quanto não se critica a profissional quando a opinião dela difere dos colegas? Se não acontece publicamente, nos bastidores é certo que aconteça. Minoria, a mulher é coagida.

Assim o preconceito persiste contra a jornalista esportiva na contemporaneidade. Dentro das redações e nos sofás do Brasil, com os olhos na TV ou os ouvidos colados no rádio. Nem por isso, a mulher deixa de marcar presença no universo tão masculinizado do futebol. Mas ainda sofre.

Seu trabalho e competência precisam deixar de ser julgados, questionados só pelo fato de ser mulher. Para isso, é urgente que sejam colocadas a baixo as máximas “mulher não entende de futebol” e “mulher só serve para falar de futebol se for um rostinho bonito, enfeitando o programa”. Ou então, a competência nunca será levada em conta ao se assistir, ouvir, ou ler uma mulher falando sobre o esporte.

As conquistas femininas no jornalismo esportivo são, também, reflexo das vitórias da mulher em âmbitos sociais. O voto, a independência, o direito de se manifestar, a conquista de cargos importantes e de salários equiparados aos homens deram voz e vez à mulher, que empoderou-se para ocupar o lugar que ela quiser inclusive, nas redações. Haja visto que a presença da mulher na editoria esportiva evoluiu a partir dos anos 1970, época marcada pelas lutas sociais e feministas.

Os grandes eventos esportivos também foram essenciais. Nestas épocas, a demanda por profissionais é maior e as oportunidades aumentam. É aí também que elas têm a chance de se destacar.

Mais recentemente, a grande aposta dos canais fechados de televisão, especializados em esporte, na cobertura das mais diversas modalidades também vem se mostrando uma janela e um celeiro de talentos femininos.

São nos canais fechados que elas vêm se especializando, se setorizando e chamando a atenção da grande mídia. O que também acontece com as profissionais que atuam na internet, ou com aquelas que utilizam-se da web para produzir conteúdos independentes dos veículos em que trabalham. Quando, livres, elas caem no gosto do público, o reconhecimento acontece mais facilmente e o leque para atuação aumenta.

Aliados, todos esses fatores (a luta interna contra o preconceito, a persistência e o aumento de oportunidades) estão facilitando a atuação e a visibilidade das mulheres nas editorias esportivas, até mesmo, nas mídias tradicionais. Nomes que se tornaram referência no jornalismo esportivo, como Mylena Ciribelli, Renata Fan, Glenda Koslowsky e, mais recentemente, Fernanda Gentil, tem aberto caminhos para que as mulheres saiam da reportagem, da figuração e da apresentação e passem a ter opinião, como comentaristas, debatedoras, questionadoras.

Conquistando, aos poucos, cada função do jornalismo esportivo, pode-se dizer que só falta à mulher ocupar seu lugar na narração. Por que isso ainda não aconteceu? Justamente, pelo preconceito velado que ainda corre as redações e o universo masculinizado do futebol.

Ao longo dessa pesquisa, muitas pessoas, inclusive entre as entrevistadas, chegaram a se questionar por que nunca, sequer, haviam sentido falta de ver ou ouvir uma mulher narrando. Não é comum, nem mesmo, imaginar uma mulher narrando. “Que voz teria? Como seria um grito de gol?” Algumas pessoas divagam sobre a técnica para, ao fim da reflexão, concluírem que este é um universo pertencente aos homens.

De fato, através de toda a bibliografia que mencionou técnicas, escolas de narradores e também por meio das entrevistas, a tese de que os homens dominam a narração é confirmada. No entanto, fica claro que, independente do gênero, os profissionais da comunicação são formados e, portanto, estão aptos a exercer quaisquer funções.

Inegavelmente, o machismo tem grande influência para que as mulheres se mantenham longe do comando dos microfones. Mas não se pode dizer que é este o motivo de as mulheres não narrarem futebol. Elas não o fazem, na verdade, segundo as profissionais, porque não se interessam.

Também ficou claro que não há grandes oportunidades para que a ideia deslanche. Por outro lado, muito do que as entrevistadas dizem prova que há tentativas por parte das emissoras. O que falta, afinal, é que, a exemplo do que fez Glenda Kozlowsky nas Olimpíadas 2016, alguém aceite o desafio e abrace a causa. Que seja tão apaixonada e corajosa, a ponto de insistir e fazer com que a experiência saia de tentativas frustradas e se torne algo comum,

mais um espaço “habitado” pela mulher no jornalismo esportivo. O único que ainda é um tabu.

Além da coragem e do interesse real pela área, com a ciência de que esta exige muita dedicação e tempo, também é necessário preparo. Sabemos que a narração não é apenas a descrição de uma partida. Envolve técnica, emoção e, acima de tudo, talento. Neste sentido, é importante que as próprias emissoras de rádio e de TV, assim como as escolas do jornalismo, enquanto formadoras de profissionais, por meio das faculdades e, mesmo de cursos de capacitação e qualificação, se empenhem em incentivar as profissionais e que, de fato, ofereçam a elas não só a oportunidade, mas a preparação, a fim de que sintam-se seguras em exercer a função, a exemplo do que acontece com Clairene Giacobe, na Rádio Estação Web, de Porto Alegre, a pioneira entre as narradoras contemporâneas.

Este é um cuidado necessário, até mesmo pela preocupação de que o público não tenha boa aceitação da voz feminina. Também por isso, faz-se necessário esclarecer que a proposta não é que qualquer jornalista possa narrar uma partida, mas que àquelas que mostrarem habilidade, talento e vontade para tal, seja fornecido todo o aparelho para que se aprimorem e estejam qualificadas a exercerem a função.

É verdade que, caso surja um nome nas transmissões de grandes emissoras, não será um feito inédito. Além de Clairene, pela Estação Web, no passado Claudete Troiano e Luciana do Valle fizeram história ao se tornarem narradoras. A experiência de Renata Silveira, narrando um jogo pela Copa de 2014 também precisa ficar registrada. A questão que permeia este trabalho, porém, não se resume em enumerar mulheres que narram ou não.

A sugestão é que os tabus do preconceito e do machismo, que desmotivam e desencorajam as mulheres, sejam quebrados, a fim de que a narração seja também comum a elas e passe de simples experiências, isoladas ou frustradas, a uma função exercida com competência e reconhecida pelos amantes do futebol.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BLOG ELAS VESTEM A CAMISA. **Regiani Ritter – A primeira jornalista a entrar nos vestiários brasileiros**. 2013. Disponível em:

<<https://elasvestemacamisa.wordpress.com/2013/05/24/regiani-ritter-a-primeira-mulher-a-fazer-entrevistas-nos-vestiarios/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

BRUNO FILIPPO. Rádio em Revista. **Existe Jornalismo Esportivo Feminino?** 2014. Disponível em: <<http://www.radioemrevista.com/existe-jornalismo-esportivo-feminino/>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

CAPPELLANO, Renata. O torcedor de futebol e a imprensa especializada. Juiz de Fora: UFJF, 1999, p. 28-29.

CHAVES, Alex Sandro. O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social. **Efdeportes.com**, Buenos Aires, v. 11, n. 12, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, Leda. **As arquibancadas da torcedora. A presença feminina nos estádios brasileiros**. 2016. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2016/07/as-arquibancadas-da-torcedora-a-presenca-feminina-nos-estadios-brasileiros/>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

DANTAS, Monique de Andrade. **MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO**. 2016. 107 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Escola de Comunicação/ Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FELIPE PONTES. Revista Época. **Não basta torcer, elas querem ir ao estádio**. 2013.

Disponível em:

<<http://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2013/12/nao-basta-torcer-belas-querem-ir-ao-estadiob.html>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GAZETA ONLINE. **Mulheres ligadas ao futebol lutam contra o machismo no esporte**. 2016. Disponível em:

<http://www.gazetaonline.com.br/esportes/futebol_capixaba/2016/03/mulheres-ligadas-ao-futebol-lutam-contra-o-machismo-no-esporte-1013931918.html>. Acesso em: 07 jun. 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. MULHER E ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS E INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 85-100, nov. 2004. ISSN 1980-6183. Disponível em:

<<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/106/2275>>. Acesso em: 09 jun. 2017.
doi:<https://doi.org/10.5216/rpp.v8i1.106>.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: o jogo da narração: A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

LUCAS FERREIRA. Blog Torcedores.com. **Você não precisa ser linda, só competente', diz Mayra Siqueira, da Rádio CBN/SP**. 2017. Disponível em:

<<http://torcedores.uol.com.br/noticias/2017/03/segunda-parte-entrevista-mayra-siqueira>>.

Acesso em: 24 jun. 2017.

LUIZ AUGUSTO XAVIER. Gazeta do Povo. **Sonia e as jornalistas**. 2011. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/colunistas/luiz-augusto-xavier/sonia-e-as-jornalistas-9mqkfof13w1ndrs5sirdk5se>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

MAIA, Bibiana. **Primeira mulher a narrar jogo de Copa, Renata Silveira fala sobre a experiência.** Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/primeira-mulher-narrar-jogo-de-copa-renata-silveira-fala-sobre-experiencia-13005691.html>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

MAIA, Mayara. **No “país do futebol”, se dá bola para as mulheres?.** 2016. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/no-pais-do-futebol-se-da-bola-para-as-mulheres/>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

MARILISE GOMES. Revista Pure People. **Glenda Kozlowski comemora ser 1ª narradora da Globo: 'Me senti abraçada'.** 2016. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/glenda-kozlowski-comemora-ser-1-narradora-da-globo-me-senti-abracada_a126980/1>. Acesso em: 24 jun. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Site Oficial.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/>>. Acesso em 24 jun. 2017

NETTO, Américo R. Esporte libertador da mulher. **Revista Educação Physica**, n. 10, p. 23-24 e 92, jun.1933.

NUNES, Maíra; CANDIM, Maria Eduarda. **Impedidas pelo preconceito: Mulheres são mais cobradas quando cometem erros de arbitragem.** 2017. Disponível em: <http://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2017/03/08/noticia_futebol_nacional,61569/impedidas-pelo-preconceito-mulheres-sao-mais-cobradas-do-que-os-homen.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2017.

REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 59, Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1941.

RIGHI, Anelise Farençena. **As Donas da Bola – Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo.** Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Franciscano. 84p. Ano 2006.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: Histórias da imprensa esportiva no Brasil.** Rio de Janeiro: Terceiro Nome, 2007.

RUSSIO, Marcelo. *Por que não elas?* Comunique-se. 2003.

SILVA, Fernanda Gaiotti. **Revista Firula - porque futebol agora é coisa de mulher.** 2004. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004. 151 p.

SILVA, Elisângela Aparecida. INTERCOM, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Perfil da Consumidora de Futebol no Brasil - Quem são elas e o que querem.**Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. 11 p.

SILVIA BALIEIRO. Revista Época. **QUEM SÃO OS NOVOS TORCEDORES DO FUTEBOL BRASILEIRO?** 2013. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2013/11/quem-sao-os-novos-torcedores-do-futebol-brasileiro.html>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SOARES, Thaís. **Mulheres nas Olimpíadas: Uma Longa Trajetória.** 2016. Disponível em: <<http://nodeito.com/mulheres-nas-olimpiadas/>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

TOMAZ, Vanderlei. **FOI EM JUIZ DE FORA A PRIMEIRA PARTIDA DE FUTEBOL NO BRASIL. Diário Regional.** Juiz de Fora, p. 7-7. 02 abr. 2017.

UOL ESPORTE. **Pioneira no esporte, jornalista lembra preconceito e briga com Milton Neves.** 2013. Disponível em: <<https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/10/07/pioneira-no-esporte-jornalista-lembra-preconceito-e-briga-com-milton-neves/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo Esportivo: Relatos de uma paixão.** V. 4. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM REGIANI RITTER

Como foi sua experiência como mulher na reportagem de campo? Você tinha acesso às fontes da mesma forma como os homens?

Era estranho. Elas não entravam. Ficavam esperando na porta do vestiário, como eu, no início. Cansei de perder boas matérias pela frescura... Por isso e com o apoio do treinador do São Paulo, o Cilinho, tive de entrar. Era meu trabalho!

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM ROGÉRIO BARBOSA – DIRETOR DA RÁDIO ESTAÇÃO WEB

A estação web está no ar desde que ano?

A Rádio Estação Web está próxima de completar 7 anos. Entramos no ar em 05/07/2010

A rádio trabalha só com transmissões esportivas?

Nossa programação é diversificada, 24h por dia, baseada no tripé música-informação-entretenimento, com programas de variedades, musicais, temáticos e jornalísticos. Dentro deste tripé, estão as jornadas esportivas. Além do futebol, são feitas transmissões de outras modalidades, como vôlei, basquete, futsal, handebol, rugby, futebol americano, etc.

A rádio também tem uma frequência AM ou FM?

Não temos frequência em FM, trabalhamos exclusivamente via internet. Em alguns horários da nossa programação e nas transmissões esportivas, contamos a parceria de nove emissoras de rádio (cinco no interior do RS, duas fora do Estado e duas internacionais) que nos retransmitem.

Quantos jornalistas integram a equipe?

Ao todo, são 22 comunicadores (entre jornalistas e radialistas) que integram a Rádio Estação Web. Destes, 11 atuam na equipe esportiva.

Sobre a equipe esportiva, são quantas mulheres? Elas já atuavam desde o princípio?

Atualmente, são três mulheres que integram a equipe: Clairene Giacobe, Paula Cardoso e Cleunice Schlee. Paula Cardoso está no ar desde o início da emissora, atuando como apresentadora de vários programas e também na equipe esportiva. Clairene Giacobe entrou em 2012, durante a cobertura dos Jogos Olímpicos. Cleunice Schlee é a mais nova colega. Começou a atuar conosco neste ano. Vale citar aqui os nomes de Tábata Machado e Bruna Souza, que participam das transmissões de handebol

E como surgiu a ideia de colocar uma delas como narradora?

Desde 2012, tínhamos interesse em colocar uma narradora em nossas transmissões esportivas, a exemplo do que foram Zuleide Ranieri no rádio paulista dos anos 70 e Luciana do Valle na TV Bandeirantes durante os anos 90. Depois de tentativas e desistências de alguns nomes, a Clairene se colocou à disposição para narrar jogos. A preparação dela para a nova função durou quase um ano. Nesse ínterim ela se inscreveu em um curso de narração esportiva e começou a treinar em off nos estúdios. A estreia como narradora foi em 20/11/2016 no jogo Inter 2 x 1 Ypiranga de Erechim, final da Supercopa Gaúcha no estádio Beira-Rio.

Vocês veem que deu certo? Apostariam mais na narração feminina?

Sim, teve boa aceitação do público ouvinte-internauta e também dos demais profissionais de imprensa. Houve uma repercussão muito boa no RS e em outras partes do Brasil, sendo tema de matérias e reportagens. Com certeza seguiremos com narração feminina, até porque em agosto começa a ser disputado o Estadual Feminino aqui no RS. Gradativamente colocaremos narração feminina nos demais jogos do ano.

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM CLAIRENE GIACOBÉ, NARRADORA DA RÁDIO ESTAÇÃO WEB

Você narra jogos masculinos e femininos?

Sim. Inclusive, eu prefiro masculino, pois conheço os jogadores. A narração fica mais fácil. Este ano narro alguns jogos do Brasileirão.

E você sempre teve interesse em narrar?

Adoro comentar. Mas fui desafiada a narrar. Fiz curso, comecei nos testes e amei

O curso é específico para narração?

Sim e fui a única mulher.

Em uma turma de quantos homens?

10

E eles te davam espaço? Como era a questão do machismo/ preconceito?

Olha, muito grande. Mas como fui mostrando grande entendimento tático fui conquistando espaço. Depois 4 anos comentando, hoje consegui um certo respeito.

E você hoje se sente segura para narrar?

Sim

Se inspirou em alguém?

Não

Como você vê a aceitação e o retorno dos seus ouvintes?

Muito boa. Me surpreendo cada vez mais com elogios e o retorno crescendo muito.

APÊNDICE 4 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM MARINNA PROTASIEWYTCH, DA RÁDIO FORÇA JOVEM, EM CURITIBA

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Sempre gostei de esporte, desde pequena pratiquei uma dezena deles, mas o futebol sempre me atraiu. Apesar de meu pai não me deixar ir ao estádio quando criança, aos 16 eu fui ao meu primeiro jogo sozinha em um estádio, de lá pra cá a paixão só aumentou quando resolvi fazer jornalismo. O tema do meu TCC foi um site esportivo sobre o futebol paranaense, que é onde eu atuo.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Já pensei sim, confesso que na rádio onde estou já surgiu a conversa, mas eu acredito que é preciso treino para isso.

3. Já fez algum teste na narração?

Nunca na narração, já fiz para plantão esportivo, comentarista e repostagem

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Porque muitas vezes a mulher no jornalismo esportivo é utilizada como chamariz e infelizmente suas competências não importam e sim sua presença nos gramados para gerar o "buzz" nos corredores e redes sociais

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Acredito que o preconceito seja o principal deles, pois como disse anteriormente as mulheres são utilizadas como iscas da audiência. Além disso, a falta de oportunidade também causa isso, uma vez que é mais fácil chamarem um homem para esta função do que uma mulher, pois acredita-se que eles conhecem mais de futebol que nós mulheres.

APÊNDICE 5 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM PAMELA SCHTSCHERBAK, REPÓRTER DA TV TRANSAMÉRICA, EM CURITIBA

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Desde pequena recebi influência do meu avô. Ele me levava no estádio.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Ainda penso em narrar partidas de futebol!

3. Já fez algum teste na narração?

Não

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Logo chegaremos à narração. A hegemonia feminina no futebol ainda está fraca, mas com os anos - mais uns 2 ou 3 - estaremos de igual para igual com os homens. Futebol sempre foi considerado um entretenimento masculino e isso se fixou como cultura.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Falta de interesse por parte das mulheres. Digo aquele interesse de chegar e colocar a cara pra bater e dizer que quer ser narradora. Outro fator é a falta de confiança dos meios de comunicação e dos próprios homens.

APÊNDICE 6 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM MAYRA SIQUEIRA, REPÓRTER DA RÁDIO GLOBO/CBN

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Com minha paixão pelo futebol. Não tinha interesse em trabalhar com Esporte no início da faculdade, mas o primeiro estágio na área me fez mudar de ideia.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Desde pequenina, falavam que eu seria "locutora de rádio", pela velocidade com que eu sempre falei. Quando comecei a trabalhar em rádio, o narrador Deva Pascovici, um ídolo e um narrado excepcional, sempre me cutucou pra narrar. Achava que eu teria tudo que precisa para uma boa narradora - o que, na visão empreendedora dele, faria um extremo sucesso, dado o ineditismo (ou quase ineditismo). Mais tarde, o também narrador Oscar Ulisses, também incrível e de longa e bem sucedida carreira, fez coro ao Deva. Achou que eu deveria arriscar. Sempre me faltou coragem, mas confesso que acho que faria bem.

3. Já fez algum teste na narração?

Não. Já cheguei a brincar de narrar um pouco durante as transmissões da CBN. Mas apenas um trecho ou outro, uma cobrança de falta. Sempre incentivada pelo Deva.

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Um pouco de preconceito, claro, mas também por falta de interesse. Nunca vi como um sonho pra nenhuma conhecida. Talvez seja uma questão de representatividade. Por nunca termos visto uma mulher responsável por uma narração, nunca passa pela cabeça, não de forma natural, que é algo que seria possível. Futebol ainda é visto como muito masculino, e, enquanto nós, mulheres, tomamos reportagem e aos poucos aparecemos como comentaristas, a área "imaculada" da narração segue como uma espécie de tabu.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Um pouco do que eu citei lá em cima, mas vejo como falta de identificação, por não ver uma mulher na posição, nunca tivemos essa representatividade - por que quereríamos ser narradoras se nunca tivemos uma "ídola" na posição? Acho que vem muito disso. Tudo isso fomentado pelo preconceito que cai, sim, aos poucos, mas que persiste. Enquanto eu - ou qualquer outra repórter mulher - for vista como "uma boa repórter entre as mulheres", e não como "uma boa repórter" e ponto final, vai ser difícil pensar que esse machismo não existe ou não atrapalha.

APÊNDICE 7 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM ALINE BORDALO, REPÓRTER DA REDE GLOBO

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Desde criança acompanho futebol, e sempre quis ser jornalista para acompanhar os treinos e os jogos.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Não, gosto mesmo é de reportar, contar o que acontece nas partidas pelo meu ponto de vista.

3. Já fez algum teste na narração?

Nunca.

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Acho que, por mais que tenha crescido o número de mulheres no esporte, ainda há muito preconceito. Basta cobrir algum evento esportivo para sentir os olhares dos homens. A grande maioria acha que mulher não entende nada de futebol, e que, portanto, não deveria falar sobre isso. Claro que isso vem melhorando ao longo dos anos, mas é uma melhora muito lenta. Aos poucos, conseguimos nos inserir na condição de repórter, no máximo comentarista, mas narradora ainda é uma posição muito distante. Da mesma maneira que os homens não curtem futebol feminino, eles também iriam criticar bastante um jogo narrado por uma mulher.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Na minha opinião, o principal motivo é mesmo o preconceito. Mas também ainda não apareceu nenhuma mulher que quebrasse essa barreira. A Vanessa Riche chegou a treinar, fazer vários testes narrando, mas o projeto acabou não indo para frente. Não sei se algum dia teremos a oportunidade de ver uma mulher narrando um jogo de futebol, infelizmente. As emissoras ainda estão muito fechadas nesse sentido. Mulher no esporte, só se for bonitinha. A mentalidade predominante ainda é essa...A emissora que der esse passo será bem corajosa.

APÊNDICE 8 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM ALINE FALCONE, EDITORA DO SITE GLOBOESPORTE.COM

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Eu sempre curti esportes, mas a oportunidade veio após uma experiência quando fui estagiária no Sistema Globo de Rádio, no último ano de faculdade. O projeto de estagiários incluía um mês em cada editoria e eu me identifiquei muito quando passei pela de esportes da Rádio CBN. Após me formar, eu comecei a trabalhar na editoria de cidade, mas surgiu uma vaga no esporte da CBN alguns meses depois, e o gerente da área, Álvaro Oliveira Filho, me ofereceu. Isso foi em 2010. De lá para cá, só esporte na minha vida.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Não, nunca pensei em narrar. No rádio, já atuei como repórter (incluindo repórter de campo), produtora, coordenadora de transmissão e apresentadora. Na TV, como repórter e produtora. Mas nunca pensei na possibilidade de narrar porque acredito que, independentemente do gênero, a pessoa tem que ter talento para a função. E eu definitivamente não tinha.

3. Já fez algum teste na narração?

Teste não, mas já precisei narrar um gol de outro durante uma transmissão. Definitivamente aquilo não foi narrar. (Risos) Não teve emoção, eu só descrevi o que aconteceu.

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Acho que é uma questão de prática e também de falta de opções. Ainda não surgiu uma mulher que narre bem no meio, que seja conhecida. Quando isso acontecer, pode incentivar outras a tentarem também. O gênero não pode e não deve limitar ninguém em função alguma, isso é uma bandeira que deve ser levantada sempre por nós. Nas outras funções do jornalismo, as mulheres foram mostrando seu valor, seu talento, dedicação e enfrentando o preconceito que ainda existe. E talento é algo inquestionável, não tem gênero. Se não for para fazer doação de esperma ou servir de cobaia para algum estudo sobre o cromossomo Y, a mulher pode exercer qualquer função.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Como disse antes, falta incentivo e são poucas as candidatas também. Acho que quanto mais mulheres tentarem e se identificarem, mas comum será.

APÊNDICE 9 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM ALAN SILVA, COLABODOR DO SITE CENAS LAMENTÁVEIS

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Sempre fui apaixonado pelo mundo da informação, principalmente, esportiva.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Sim.

3. Já fez algum teste na narração?

Não.

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Creio que exista um preconceito quanto a voz da mulher.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Narradores consagrados e preconceito.

APÊNDICE 10 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM MARINA PROTON, ASSESSORA DO TUPI

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Eu sempre gostei muito de futebol e esporte em geral. E desde quando decidi pelo jornalismo, decidi que queria lutar pra entrar no mundo do jornalismo esportivo. É uma mistura de paixão mesmo e por isso a escolha.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Nunca tive essa vontade. Mas talvez (quase com certeza) pelo motivo disso não ser comum. Aliás, nada comum. Talvez se isso fosse uma fonte do jornalismo esportivo para as mulheres, eu certamente teria esse interesse.

3. Já fez algum teste na narração?

Não, nunca fiz.

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Acho que muitos tabus estão caindo, não só no jornalismo esportivo, mas em todas as profissões. Hoje não tem mais dessa de que "mulher não entende de futebol". Nós entendemos sim, é muito! Claro que muitas mulheres não gostam de esporte, seja qualquer um deles, mas muitos homens também não curtem. Assim como tudo na vida, cada um tem seu gosto para alguma coisa. Mas a questão da narração, eu sinceramente não sei se não seria uma "culpa" de nós mulheres em não procurar essa área, ou se a "culpa" seria dos veículos que não dão oportunidade às mulheres. É uma questão complicada e por isso a necessidade da avaliação a fundo.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Como disse na resposta anterior, acho que é uma via de mão dupla. Falta interesse de ambas as partes, pelo menos ao meu ver.

APÊNDICE 11 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM LUIZA SÁ, REPÓRTER DO JORNAL LANCE

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Cresci frequentando estádios de futebol e daí surgiu o interesse pelo esporte, quanto ao jornalismo, foi uma profissão que sempre me interessei. Comecei a escrever ainda nova e percebi que amava fazer isso.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Sempre me questionei sobre a ausência das vozes femininas na narração. Apesar de não achar que tenho talento para isso, sempre quis tentar para ver se gostava.

3. Já fez algum teste na narração?

Não

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Talvez porque a narração ainda seja considerada um espaço só de homens, por ser uma das áreas com maior contato com o público e que poucas conseguem se aventurar. Penso que algumas emissoras de TV e rádio ainda possam ter certo receio de dar essa oportunidade para as mulheres, como houve nas outras áreas do jornalismo esportivo.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Em geral, o machismo. Esse tipo de preconceito faz com que muitas não tenham oportunidades, não só na narração. Como falta uma voz feminina como referência, talvez muitas mulheres tenham receio em se arriscar nessa área também.

APÊNDICE 12 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM THAYNARA LIMA, REPÓRTER DO JORNAL LANCE

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Eu me tornei fã de futebol e depois de alguns anos decidi que queria seguir a carreira como jornalista. Daí escolhi juntar minhas duas paixões.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Sim. Acho muito legal, queria aprender a fazer.

3. Já fez algum teste na narração?

Não...

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Infelizmente, a narração esportiva ainda não tem mulheres e, para mim, isso se dá ao fato de que o status de narrador é o mais alto da transmissão de um evento esportivo e por conta do machismo institucionalizado as mulheres ainda não chegaram a esse patamar. Repare que eu disse AINDA, pois acredito que se continuarmos ocupando os espaços como fazemos, logo logo estaremos ocupando também as narrações esportivas.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Falta de representatividade ainda é muito importante. Acho que a partir do momento em que a primeira mulher chegar lá, as outras se sentirão mais encorajadas a isso. Além do machismo institucionalizado, que nos impede de ser vista nesses espaços.

APÊNDICE 13 – ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM GABRIELA TELLES, REPÓRTER DO JORNAL LANCE

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Meu pai me colocou no universo do futebol, quando me levou pela primeira vez ao Maracanã. Desde então, me interessei muito pelo esporte e já que não jogava, queria fazer parte desse universo de alguma forma. Foi então que escolhi o jornalismo como profissão.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Não

3. Já fez algum teste na narração?

Não

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Machismo. As mulheres ainda precisam provar constantemente que são boas. Narrar uma final de copa do mundo, por exemplo, não é para "qualquer um". Logo, para os homens branco e héteros que dominam o futebol mundial, o lugar da mulher não é na posição de narradora.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Mais uma vez o machismo. Se Marta, 5 vezes melhor do mundo, não tem o devido reconhecimento como jogadora, que dirá uma jornalista ou outra profissional terá espaço como narradora.

APÊNDICE 14 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM LUIZA PORTELA, EX REPÓRTER DA RÁDIO TUPI

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Através da minha paixão Por futebol e depois de participar de uma palestra sobre jornalismo esportivo.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Não

3. Já fez algum teste na narração?

Não

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

O meio sempre foi de predominância masculina, mas aos poucos as mulheres foram quebrando barreiras e hoje a inclusão da mulher está cada vez maior. Penso que ainda existe um certo preconceito em dar a chance a uma mulher para narrar.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Primeiro o preconceito e acredito também que deva existir pouca mulher que tem interesse em narrar.

APÊNDICE 15 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM REGIANI RITTER, ATUALMENTE, APRESENTADORA NA RÁDIO GAZETA

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Gostava de futebol sem me interessar em trabalhar com ele. Tinha um programa na Rádio Gazeta AM, um musical com variedades, e de vez em quando fazia alguns comentários sobre esporte. O diretor do depto. de esporte, Pedro Luis Paoliello, me convidou para cobrir a vaga de um repórter que ia viajar com a seleção, e eu achei interessante. Interessante? Fascinante! Não tinha rotina, viagens pelo interior do estado no campeonato regional, e pelo país no brasileiro. Peguei forte, tentei entender a loucura da torcida, aprendi rápido, e fui ficando! Dividi meu tempo entre a rádio e a TV, que Roberto Avallone me chamou para cobrir férias de Cleber Machado, e fui ficando... Cheguei a cobrir futebol nos três meios de comunicação daquela época, ao mesmo tempo. Acredite se quiser, Arnaldo Branco me convidou para cobrir férias de Dinoel Marcos de Abreu no então "Diário Popular" e fui ficando...

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Não...um diretor da TV Gazeta me fez a proposta. Uma grande campanha de divulgação, e eu seria a primeira narradora de futebol na TV. Mas não podia, embora já fosse editora-chefe, produtora executiva, redatora, repórter e comentarista, disse não. Por um simples motivo: eu não sabia narrar...todo o resto eu aprendi trabalhando. Narrar, definitivamente, não me atraía!

3. Já fez algum teste na narração?

Não...

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Quando eu comecei, na década de 1980, havia pouquíssimas mulheres na reportagem, e elas paravam logo, mudavam de editoria... Apesar de fascinante, exige tempo integral. Por exemplo, cobri as eliminatórias da Copa do Mundo 1994, em 1993. Fiquei 84 dias colada na seleção, desde Teresópolis, até as quatro viagens internacionais e quatro em casa. Que marido suportaria isso? Em 94 dois meses nos Estados Unidos. Fora o fato de que você não pode escolher sol de 35 graus ou chuva gelada em 90 minutos de gramado... e as pedras, os xingamentos, ira da torcida, etc. E não conheci nenhuma jornalista sonhando com a narração, a maioria querendo ser âncora ou repórter.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Eu diria que é a falta de interesse das mulheres. Conheci Claudete Troiano, que narrou em radio, e Luciana Mariano, à época Luciana do Valle, que narrou em uma TV do Recife. E só. Em 2016 falou-se à boca pequena que a Globo iria preparar Fernanda Gentil para a narração...mas parece que o projeto saiu de pauta...enfim, tempo ao tempo! Degrau a degrau

APÊNDICE 16 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM RENATA GRACIANO, DO SITE DONAS DA BOLA

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Desde criança eu amo e acompanho futebol, como sempre li e escrevi muito foi um caminho natural.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Sim, ainda tenho esse sonho.

3. Já fez algum teste na narração?

Nunca

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Acredito que ainda exista muito preconceito.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Preconceito.

APÊNDICE 17 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM CAÍSA COUTO CARVALHO, DO CANAL ESPORTE INTERATIVO

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Surgiu antes mesmo de decidir que queria fazer Jornalismo. Sempre assistia a transmissões, campeonatos e eventos, pensando em como era legal viver isso de perto e poder contar para as pessoas.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Não. Sempre me interessei mais pela produção e reportagem.

3. Já fez algum teste na narração?

Não.

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Acho que é mesmo um mau hábito. No canal onde trabalho temos mulheres comentaristas, mas nenhuma narrando. Acredito que os veículos ainda têm um certo medo de cometerem essa 'ousadia'.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Acredito que o principal ainda é o preconceito. Por isso os canais não investem em treinar as mulheres para narrar, salvo em ocasiões como ação para o Dia da Mulher, por exemplo.

APÊNDICE 18 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM ROBERTA OLIVEIRA, ATUALMENTE, REPÓRTER DO G1 ZONA DA MATA

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Incentivo familiar. Minha mãe gostava de esportes, comecei a acompanhar com ela, que me inspirou a torcer pelo Botafogo. Quando eu tinha 7 anos, em 1986, eu fiquei doente e tive que fazer repouso, justo no mês da Copa do Mundo do México. Comecei a ver os jogos e, então, mesmo sem entender, gostei. Depois descobri as Olimpíadas. Aí não parei mais. Mais tarde, na adolescência, joguei vôlei por três anos na escola e na escolinha do Sport. O que considero uma experiência fundamental na minha vida - além da bagagem específica sobre a modalidade, fora das quadras, me ajudou a entender o trabalho em equipe, a trabalhar meus pontos fortes e fracos, a sair de um universo que me era familiar e descobrir outro mundo, outras pessoas e reforçou a importância da disciplina e prática constante para aperfeiçoamento. Tudo isso tornou natural que, ao estudar Comunicação Social e trabalhar no Jornalismo, o Jornalismo Esportivo estivesse entre as minhas prioridades. Atualmente não estou mais tão ativa porque, por escolha própria, meu foco profissional está em outras editorias. Mas indico personagens, mantenho fontes e acompanho o que está acontecendo, até para ajudar em caso de necessidade.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Nunca me imaginei narrando. Sempre me imaginei repórter e foi uma meta que consegui realizar no rádio e na internet. E aprendi a pensar ganchos para pautas como produtora - e focar em buscar resultados e histórias diferenciadas em se tratando de esporte.

3. Já fez algum teste na narração?

Não. Justamente porque não era meu foco.

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Cresceu porque as garotas passaram a demonstrar que gostam e entendem de esporte e podem trabalhar com isso. Deixaram de se sentir limitadas pelo "nicho de esportes femininos" e pelo "isso é coisa de homem". Não foi da noite para o dia. Quando defendi a minha monografia sobre Ayrton Senna em 2000, teve quem me perguntasse porque não fiz sobre outro tema. (Jornalismo Esportivo não era tão bem visto como agora e eu era uma "garota inteligente" para desperdiçar tempo com isso, na visão dos autores dos comentários). Ao fazer entrevista para meu primeiro emprego, tive que passar por uma sabatina sobre meus conhecimentos esportivos - o mais divertido foi ser questionada sobre quem treinava times, sobre vôlei (que eu joguei na escola) e sobre F1 (e a minha resposta foi: "Minha monografia foi sobre a construção do mito Ayrton Senna, o que você deseja saber?"). Ao comentar resultados nos programas e noticiários, tive que ouvir desde o "se fosse o fulano, saberia" de um apresentador (e a resposta foi: "sim, há chances porque fulano torce para o time citado. Mas posso pesquisar e te trazer a resposta") e um ouvinte que ligou e disse que "precisava me parabenizar porque eu entendia de futebol como se fosse homem". Por incrível que pareça não entendi como machismo, mas como uma pessoa habituada a lidar com um padrão que percebeu que não era só aquilo. Aguentei pessoas - da própria equipe - questionando minhas habilidades. E detalhe: nunca na minha frente. Estes foram momentos da minha jornada. Agora potencializa isso. Nem todas encontram quem as apoie a prosseguir. Nem todas encontram em si mesmas a força de seguir apesar de todas as bobagens que escutam. E ainda tem quem as julguem por aparência e não por conteúdo (basta lembrar o episódio do site da Record debochando de fotos de Fernanda Gentil na praia - onde eles só pediram desculpas porque ela anunciou a gravidez, não pelo texto que é desnecessário do início ao fim). Isso tudo para dizer o seguinte: se as meninas, garotas, adolescentes ainda sofrem restrições pelo poder de fala como repórter, imagina então como narradora? Ainda temos poucas e em esportes específicos. Na Olimpíada do Rio, a Globo colocou Glenda Koslowski para narrar. Creio que as garotas ainda não miraram nesta função específica porque sempre foi vista como um território sagrado da voz masculina - e mesmo as mulheres que já narraram não são lembradas. Estamos em um processo de reescrever histórias e redefinir espaços, romper limites que nunca deveriam ter existido. Não é o fato de ser XY ou XX que vai determinar sua capacidade - é estudo, preparo e talento garimpado. Quanto mais mostrarmos para as garotas que elas podem sim gostar de esportes sem serem julgadas, comentar futebol sem ouvir a tradicional pergunta sobre se sabe o que é impedimento ou se tal jogador é bonito, creio que surgirá de forma natural o interesse em exercer esta função. E assim teremos narradoras surgindo. (Otimismo demais? Talvez. Mas prefiro assim)

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Um imaginário construído em torno da voz masculina - desde os tempos do rádio, a gente sempre associa os momentos esportivos ao relato dos narradores. O "Peléeeeeeeeeeeeeeeee" do narrador mexicano em 1970. O "Ayrton Senna do Brasil!", "É teeeetraaaa!", "Quem é que soooooobe?", "Haja coração", "Hoje não. Hoje não. Hoje sim. Hoje sim?". "Kevin Durant, você é ri-dí-cu-lo!". "Wallace, este macho-alfa!". "É ouro!". "Eeeela disse adeus!" Nenhuma destas frases remete à voz feminina. Porque não foram ditas por mulheres. O resquício de que esporte é coisa de homem. A mulher, quando aparece, é como apresentadora, repórter ou comentarista especializada - de forma positiva. Porque de forma negativa, é o corpo-objeto de admiração e/ou inveja - a maria-chuteira. Os xingamentos e as formas de desmerecer a masculinidade do rival - o filho da "puta", a "mulherzinha" que não dá conta de agir como se espera de um macho valente na arena de disputa, a presunção de infidelidade - para que o adversário seja xingado de corno sem piedade. "A beleza que descansa os olhos de quem assiste" - a musa. Aquela que apoia, confia e inspira - a mãe, a família e a esposa - as Penélopes que esperam seu herói voltar da batalha. Não é algo apenas no Brasil, creio que seja no mundo (porque não me lembro de ter visto narradoras. Sei que houve uma no futebol americano e que terá outra neste ano, mas não sei detalhadamente). A dificuldade de romper padrões vigentes e de se sentir representada. Isso serve para as próprias garotas que não se imaginam nesta função - eu sempre me vi trabalhando como repórter, mas não é possível que não exista alguma menina que não se imagina narrando aquele lance que se torna histórico ou um título de algum time ou modalidade. Talvez agora na maré pós grandes eventos esportivos realizados no país e em época onde as pessoas se manifestam na internet, essa garota - que eu imagino que esteja por aí - encontre espaço para chamar a atenção e se fazer ouvir. Para isso é fundamental que ela seja apaixonada por esporte e se prepare muito. Porque será cobrada por estar invadindo este universo pré-estabelecido como masculino. Terá seu talento contestado. Será alvo da maledicência. Não será fácil. Não será noite para o dia. Mas acontecerá. Eu acredito.

APÊNDICE 19 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM CÁSSIA MOURA, ESTUDANTE DE JORNALISMO E EX-ESTAGIÁRIA DA RÁDIO BRADESCO ESPORTES

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Sempre tive o costume de acompanhar esportes em geral. Mas foi observando o trabalho da Carol Barcellos quando eu era nova ainda que me despertou uma atenção especial. Para o Jornalismo em si, mais ainda para o lado esportivo. A responsabilidade e o alcance que produções de jornalistas ao contarem histórias atinge o público é algo que me encanta, pode-se mudar vidas. Sendo assim eu alinhei meu objetivo com a minha profissão: transformar as pessoas através do esporte.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Narrar seria uma experiência muito diferente, mas é algo que se poderia pensar para ver como fica. Mas confesso que nunca almejei algo assim.

3. Já fez algum teste na narração?

Nunca tive a oportunidade

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

As mulheres conquistaram espaços em vários meios da sociedade e acredito que no Jornalismo não poderia ser diferente. É muito bom saber que, principalmente, no Jornalismo Esportivo, que é um espaço predominantemente masculino, as mulheres chegaram em altos cargos. No entanto, a posição de narração pode ser algo que se abra mais às vozes femininas aos poucos, devido o costume do público em ver e ouvir homens com estas responsabilidades.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Acredito que principalmente a tradição do público em escutar sempre vozes masculinas. Mas vejo que entre os profissionais é uma inserção que já vem sendo estudada e até testada.

APÊNDICE 20 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM CLAIRENE GIACOBÉ, RADIALISTA E NARRADORA NA RÁDIO ESTAÇÃO WEB, EM PORTO ALEGRE

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Bom meu interesse por jornalismo esportivo aconteceu desde cedo, quando criança, escutava muito futebol! Cresci e joguei futebol, parei por gravidez, então foi ali que decidi fazer e aos poucos fui começando...

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Bom nunca imaginei narrando, achava muito complicado! Mas fui desafiada e fiz curso, acabei gostando.

3. Já fez algum teste na narração?

Sim

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

Observo crescimento grande nas reportagens, mas comentários, que adoro de paixão, e narração, não. Primeiro porque precisa ter leitura tática e, na narração, ter noção de tudo: voz, fôlego e ter interação com público!

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

O que dificulta como disse o lado entender, noção, o medo, o machismo tb, pois um erro gera muita crítica, mas eu no meu lado me surpreendi com apoio muito grande do lado masculino, falta a mulher ter mais coragem! Nós podemos sim!

APÊNDICE 21 - ENTREVISTA - “POR QUE AS MULHERES NÃO NARRAM FUTEBOL”, COM JANAÍNA WILLE, ESTUDANTE DE JORNALISMO E COLABORADORA DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA UFSM, NO RIO GRANDE DO SUL

1. Como surgiu seu interesse pelo Jornalismo Esportivo?

Desde muito jovem eu gosto de esportes. Meu pai sempre me incentivou a acompanhar futebol com ele e foi a partir dele que comecei a acompanhar. Aos 15 anos já comecei a colaborar com alguns blogs esportivos, fazendo textos opinativos. A partir desse momento, decidi que gostaria de seguir nessa área. Entrei para a faculdade no primeiro semestre de 2016. Logo no primeiro mês, fui participar do processo seletivo do único projeto de extensão que envolve jornalismo esportivo na UFSM, vinculado à Rádio Universidade. Então, passei a integrar a equipe (que só tem uma menina além de mim, em um total de 15 integrantes). Produzimos três programas semanais (um de debate, outro sobre futebol americano e rugby e o último um radiojornal com as informações semanais do esporte). Além disso, transmitimos jogos de futebol e futebol americano. A equipe é toda formada por estudantes. Vale destacar que é uma emissora pública.

2. Ao iniciar sua carreira, pensou, em algum momento, em narrar uma partida de futebol ou outra modalidade?

Nunca! Eu sempre gostei de escrever. Nunca gostei da minha voz, então não pensava em trabalhar em rádio ou TV. Quando comecei a trabalhar na Rádio, tive outras experiências. Fui repórter de campo em jogos de futebol e futebol americano. Depois, virei comentarista nos jogos de futebol americano.

3. Já fez algum teste na narração?

Em narração, não. Os meus colegas incentivam muito, já que eu tenho experiência como comentarista. Acham que eu deveria narrar também. Mas eu não me sinto preparada ainda. É necessário muito dinamismo, ritmo, agilidade, não pode haver tempo ocioso na narração em rádio. Não acho que conseguiria. Quem sabe um dia...

4. Por que, em sua opinião, a presença feminina no jornalismo esportivo brasileiro cresceu tanto, mas não chegou à narração?

As mulheres vêm conquistando muito espaço no mercado de trabalho, seja no jornalismo ou qualquer outra área, mas poucas vezes assumem papéis de liderança (como é o caso do narrador!). O jornalismo esportivo ainda é muito masculinizado. Eu vejo como uma questão cultural. O homem não precisa mostrar que entende de esportes, isso já é esperado, quase uma obrigação. Quando uma mulher demonstra interesse no mundo esportivo, precisa provar que realmente entende. Ela sempre é vista como uma “intrusa”, algo fora da normalidade. As emissoras também preferem continuar no seu formato tradicional, afinal, elas visam lucro. Preferem não apostar em uma narradora, pois pode causar estranheza no público. E as empresas não querem perder audiência. Não há tempo e dinheiro para testes.

Eu tenho consciência de que tive uma oportunidade que muitas mulheres jamais terão (de ser comentarista). Mesmo tendo a mesma (ou até mais) capacidade e conhecimento dos meus colegas homens, dificilmente me deixariam comentar algum jogo em uma emissora comercial. Como trabalho em uma emissora pública, que não tem compromisso com a audiência e tem como papel mostrar o que muitas vezes não é visto na mídia “hegemônica”, recebi a oportunidade. E foi tratado de forma natural pela equipe. Já que somos uma equipe formada por estudantes, alguns precisaram abandonar o projeto. As funções nas transmissões esportivas foram redistribuídas e, como eu era a pessoa que acompanhava futebol americano há mais tempo, assumi como comentarista. Aconteceu de forma natural e simples. A repercussão que teve mais tarde me assustou. Porque a sociedade não viu isso como normal.

5. Que fatores contribuem para a ausência da mulher na narração?

Acredito que esteja impregnado na sociedade, de forma que nem as mulheres muitas vezes acreditem no seu potencial. A voz também influencia um pouco. As mulheres, em geral, possuem voz mais aguda. Para algumas pessoas, não soa tão agradável como uma voz grave masculina (principalmente na hora de gritar). Mas o principal fator mesmo é cultural. Os papéis de liderança ainda são pouco direcionados às mulheres.